

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANNA PAULA ZANINE KOSLINSKI

**O DISCURSO PSI NA REVISTA PAIS & FILHOS DURANTE AS
DÉCADAS DE 1960 E 1970**

CURITIBA

2014

ANNA PAULA ZANINE KOSLINSKI

**O DISCURSO PSI NA REVISTA PAIS & FILHOS DURANTE AS
DÉCADAS DE 1960 E 1970**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura e Bacharelado em História do setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial à obtenção do título em bacharel e licenciado em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Paula Vosne Martins

CURITIBA

2014

Ao meu avô, Durval Zanine (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, bênção e proteção.

Aos meus pais e família pelo carinho, incentivo e apoio que recebi ao longo da vida.

À Profª Drª Ana Paula Vosne Martins pela orientação, disponibilidade, amizade e acima de tudo por ter compreendido o meu movimento. Também não poderia deixar de agradecer pela oportunidade gratificante de participar do PET-História.

À minha amiga Cecília que sempre esteve do meu lado em todos os momentos da minha vida.

Aos meus amigos Leandro, Gisele, Daniele, Joice, Karina, Maria Luísa do Colégio Estadual Sagrada Família de Campo Largo/PR pelo ambiente de trabalho, amizade e pelos momentos de descontração.

À Wirmond e Elenice pela ajuda e suporte que recebi.

À Alejandro Francisco Rúbio por ter me ensinado o real significado da palavra fé.

Aos meus colegas e professores que conviveram comigo durante o curso de História. Ter cursado História foi uma das experiências mais ricas e marcantes que tive em minha vida. Levarei comigo em minhas lembranças e memórias.

À secretaria da coordenação do curso de História e ao Núcleo de Assuntos Acadêmicos pela presteza e gentileza no atendimento.

Ao povo brasileiro pelo privilégio em poder estudar em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade e também pela bolsa que recebi durante o período que participei do PET-História.

Agradeço em especial à minha mãe, Rita Zanine, exemplo de profissional dedicada e sobretudo por ter dado o melhor de si à mim e aos meus irmãos.

A todos, o meu obrigada.

“Edificou-se em torno da mãe toda uma mística. Descobriu-se de repente que ela podia ser considerada responsável por tudo ou quase tudo. Em todos os dossiês de crianças problemas; em todos os casos de adultos neuróticos, psicopatas, esquizofrênicos, obcecados pelo suicídio, alcoólatras, de homens homossexuais ou impotentes, de mulheres frígidas ou atormentadas, entre os asmáticos ou portadores de úlceras, encontrava-se sempre a mãe. Havia sempre, na origem, uma mulher infeliz, insatisfeita... uma esposa exigente que perseguia o marido, uma mãe dominadora, sufocadora ou indiferente.”

(Betty Friedan, “A mística feminina”)

RESUMO

A produção do saber médico especializado sobre crianças fez-se acompanhar de uma literatura de aconselhamento para as mães pelo menos desde o final do século XIX nos Estados Unidos e em alguns países europeus. Os Estados Unidos foram os pioneiros neste tipo de publicação enquanto que na Europa e América Latina essas publicações surgiram nas décadas de 1920 e 1930. Por meio da escrita de manuais de puericultura, os médicos pretendiam atuar como educadores das mães, tornando as suas aliadas no combate à mortalidade infantil, um dos mais graves problemas de saúde pública com que se defrontava a medicina da época. Combatiam saberes e costumes populares associados à ignorância e tinham como principais objetivos: regular os comportamentos maternos que deveriam ter por base os conhecimentos médicos e científicos e conferir às mães a responsabilidade exclusiva pela saúde dos seus filhos. Porém, não foram apenas os cuidados com o corpo que suscitaram preocupação por parte dos especialistas em puericultura. A partir do momento em que as taxas de mortalidade infantil começaram a declinar, o foco dos especialistas em crianças se deslocou para o desenvolvimento psicológico infantil. A constituição de uma mente saudável, através da correta educação das crianças, tornou-se um tema recorrente em revistas e livros especializados em saúde e educação dos filhos. No Brasil, o manual de puericultura mais famoso a abordar o assunto da psicologia do desenvolvimento foi o clássico *“A vida do bebê”* de autoria do pediatra nacionalmente conhecido Rinaldo de Lamare publicado pela primeira vez em 1941. Em 1960 livros e revistas brasileiros especializadas em puericultura passaram a dar cada vez mais importância a psicologia do desenvolvimento. Assim, o objetivo do presente trabalho é compreender a elaboração do discurso psi e as relações estabelecidas com os comportamentos das mulheres mães no cuidado com os filhos na revista Pais & Filhos durante as décadas de 1960 e 1970. A escolha da revista se justifica por ser a mais antiga e também pelo seu público composto majoritariamente por mulheres escolarizadas e da classe média urbana.

Palavras chave: Maternidade, puericultura e imprensa.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – Capa . <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano 2, n.2, out. 1969.....	33
FIGURA 2 – Exemplar do livro de Benjamin Spock publicado no Brasil localizado no Setor de Ciências Puras e Aplicadas da Biblioteca Pública do Estado do Paraná....	40
FIGURA 3 – Publicidade. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano 3, n. 7, mar. 1971.....	49
FIGURA 4 – Capa. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano 1, n. 1, set. 1968.....	56
FIGURA 5 – Capa. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano 4, n. 2, out. 1971.....	57
FIGURA 6 – Lista de consultores. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano.1, n. 1, set. 1968	58
FIGURA 7 – Tabela de desenvolvimento. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano.1, n.3, nov. 1968.....	70
FIGURA 8 – Publicidade. <i>Pais & Filhos</i> . Rio de Janeiro, Ano 2, n.8, abr.1970.....	78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA E A INTERFERÊNCIA MÉDICA NA FAMÍLIA	14
2.1 <i>“É PRECISO EDUCAR AS MÃES”: A DISSEMINAÇÃO DO IDEÁRIO PUERICULTOR</i>	<i>21</i>
3 A EMERGÊNCIA DA CULPA: ENTRA EM CENA O PSICÓLOGO, O NOVO ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS	28
3.1 <i>“SUA MAJESTADE A CRIANÇA”: DAS NORMAS RÍGIDAS DO COMPORTAMENTISMO À SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DA CRIANÇA</i>	<i>34</i>
3.2 <i>COMBATENDO O “LAR PERVERSOR”: A NEURO-HIGIENE INFANTIL NO BRASIL DURANTE AS DÉCADAS DE 1930 E 1940.....</i>	<i>41</i>
4 PAIS & FILHOS: A REVISTA MENSAL DA FAMÍLIA MODERNA	50
4.1 <i>O DISCURSO PSI NA PAIS & FILHOS.....</i>	<i>59</i>
4.2 <i>“RESPEITANDO O RITMO DA CRIANÇA”: A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO.....</i>	<i>62</i>
4.2.1 <i>A IMPORTÂNCIA DA FIGURA MATERNA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA</i>	<i>71</i>
5 CONCLUSÃO	79
6 FONTES E REFERÊNCIAS.....	80

1 INTRODUÇÃO

Educar uma criança nos dias atuais pode ser uma tarefa complexa e trabalhosa, mas não desconhecida. Afinal, não faltam informações na televisão, nas revistas, nos livros, na internet. São conhecimentos disponibilizados por especialistas de diversas áreas como medicina, psicologia, nutrição, dentre outras, que procuram ensinar o que os pais, sobretudo as mães, devem fazer para criar e educar seus filhos da melhor forma possível. Essas informações chegam até o público leigo como verdades prontas que não precisam ser refletidas ou questionadas.¹ Elas trazem representações de uma maternidade ideal, de um modelo que deve ser seguido ou, pelo menos, almejado se as mães desejam que seus filhos cresçam saudáveis e se transformem em adultos úteis para a sociedade.

Essa profusão de informações tem origem no desenvolvimento da pediatria como especialidade médica e da puericultura durante o século XIX, processo ligado à progressiva valorização social da infância, valorizada por ser a época de formação do cidadão do futuro.² O investimento público na saúde e na educação das crianças tornou-se estratégico para o fortalecimento da nação e provocou mudanças nos modos tradicionais de conduzir a maternidade. A maternidade revestiu-se de importância política e tornou-se um dever nacional a ser cumprido pelas mulheres conforme as recomendações científicas formuladas pelos médicos puericultores.³

Tais fenômenos surgiram primeiramente na Europa e nos Estados Unidos. No Brasil a pediatria como especialidade médica teria surgido apenas em 1882, quando foi criado o primeiro curso de “clínica das moléstias das crianças”, no serviço da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Em 1899 a puericultura foi importada para o Brasil pelo médico pediatra e filantropo Arthur Moncorvo Filho, que funda em 1899, o

¹ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis modernos na revista Pais & Filhos (1968-1977)**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Dissertação de mestrado. p.12

² MARTINS, Ana Paula Vosne. **“Vamos criar seu filho:” os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX. História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 135-154, jan-mar. 2008

³ FREIRE, Maria Martha de Luna. **“Ser mãe é uma ciência:” mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.153-171, jun. 2008

Instituto de Proteção e Assistência à Infância uma instituição filantrópica situada no Rio de Janeiro que buscava amparar e proteger a infância necessitada.⁴

Como proposta educativa e visando a transformação das práticas maternas, os médicos passam a divulgar os conhecimentos da puericultura e higiene infantil nos meios de comunicação – manuais de puericultura para leigos, cartas e seções em revistas e jornais, palestras radiofônicas e posteriormente, a televisão. Os manuais de puericultura consistiram em uma das principais estratégias empregadas pelos pediatras para levar seus ensinamentos para além de seus consultórios. Por meio da escrita dos manuais, os médicos pretendiam atuar como educadores das mães, tornando as suas aliadas no combate à mortalidade infantil, um dos mais graves problemas de saúde pública com que se defrontava a medicina da época. Entendiam que era preciso agir preventivamente, esclarecendo as mulheres sobre todos os aspectos necessários para criar uma criança saudável e bem-educada. Combatiam saberes e costumes populares associados à ignorância, que eles chamavam de crendices e superstições, pois diziam que tais saberes e práticas colocavam em risco a saúde das crianças e de suas mães, propondo substituí-los pelas práticas orientadas pela racionalidade médica.⁵

Assim, os conselhos relativos à higiene assim como à alimentação das crianças tinham como principais objetivos regular os comportamentos maternos e conferir às mães a responsabilidade moral pela saúde dos seus filhos. Porém, não foram apenas os cuidados com o corpo que suscitaram preocupação por parte dos médicos especialistas. À medida que conquistavam a confiança das mães e das famílias e quando as taxas de morbi- mortalidade infantil começam a diminuir, os especialistas em puericultura passaram a divulgar em seus manuais de aconselhamento questões relacionadas não apenas aos problemas de saúde física

⁴ LIMA, Ana Laura Godinho. **Maternidade higiênica: Natureza e ciência nos manuais de puericultura. *História: questões e debates***, Curitiba, n.147, p. 95-122, 2007. p.104

⁵ LIMA, Ana Laura Godinho. **Recomendações médicas para a educação da criança-problema: um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos***. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.317-325, jan-mar. 2013. p.318

relativos à infância, mas também pelo desenvolvimento psicológico e transtornos de comportamento apresentados pelas crianças.⁶

Dentre os manuais de puericultura brasileiros mais famosos, o clássico “*A vida do bebê*” foi o primeiro a abordar o assunto da psicologia do desenvolvimento, além dos temas tradicionais de puericultura e pediatria. O livro “*A vida do bebê*” foi publicado pela primeira vez em 1941 e é de autoria de Rinaldo de Lamare pediatra nacionalmente conhecido e famoso que faleceu em 2002. “*A vida do bebê*” é o mais famoso manual de puericultura do Brasil, um verdadeiro best-seller, considerado um campeão de vendas desse tipo de publicação até os dias de hoje e encontra-se na 41ª edição.⁷

A partir da década de 1960, livros e revistas especializadas em puericultura passaram a dar cada vez mais importância às relações afetivas entre mães e filhos. “Mães ausentes” ou “Mães superprotetoras” tornam-se termos recorrentes nos textos de especialistas uma vez que o equilíbrio psíquico dos filhos vai ser relacionado com o vínculo entre a mãe e a criança desde muito cedo.⁸ Assim, objetivo deste trabalho é apreender o discurso psi voltado à educação de crianças presente na revista Pais & Filhos e perceber que modelo de maternidade o discurso psi veiculado na revista procura legitimar.

Pais & Filhos é uma revista mensal voltada para a família, principalmente para as mães que trata de diversos assuntos relacionados à criação dos filhos, desde a gravidez até a adolescência. A publicação é a mais antiga sobre o assunto circulante na atualidade, sendo publicada desde 1968, quase ininterruptamente.⁹ A escolha da revista se justifica por ser a mais antiga e também pelo seu público composto majoritariamente por pessoas escolarizadas e da classe média urbana.

Em relação ao período estudado, as décadas de 1960 e 1970 evidenciam um aumento de poder, uma maior confiança nos especialistas em psicologia e higiene mental quando o assunto é educação dos filhos em conformidade com o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS) reconhecido como direito universal

⁶ VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p.70

⁷ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.151

⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.153

⁹ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.22

e definido como um estado completo de bem-estar físico, mental e social durante o final da década de 1970.¹⁰

Naquele momento havia uma intensa divulgação na mídia brasileira dos conhecimentos advindos da psicologia, principalmente da psicanálise, conforme aponta Sérvulo Figueiro¹¹, incidindo numa cultura psicanalítica. Entende-se por cultura psicanalítica o efeito da difusão da psicologia e da psicanálise na sociedade, de forma que o cotidiano de um grupo passe a ser compreendido e tematizado por suas normas. Sendo assim, conforme o contexto da época, os saberes psi eram amplamente divulgados na revista Pais & Filhos.

Optou-se por uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, a análise crítica do discurso uma vez que se parte do princípio de que a maternidade é uma realidade socialmente construída através dos discursos produzidos por diferentes atores sociais que têm mais a dizer em uma determinada época. Os discursos sobre as concepções e práticas da maternidade são profundamente influenciados pelo contexto histórico em que ocorrem e pelas condições sociais em que vivem mulheres e crianças.¹²

Para tanto, a partir de uma análise preliminar e geral da revista foi estabelecido um recorte que se estende de 1968, ano da criação da revista, até 1980, já que em fins da década de 1970 outros saberes relacionados à saúde infantil passam a ser veiculados de forma mais intensa e regular na revista. Por se tratar de uma revista mensal, foram escolhidos para leitura e fichamentos posteriores apenas os artigos assinados pelos consultores da área de psicologia¹³ que tratavam da criação e educação de crianças.

Isto posto, o primeiro capítulo trata do início do processo de educação das mães através da difusão da puericultura nos mais diversos meios de comunicação para as massas. O capítulo seguinte identifica o momento em que os saberes psi tornam-se temas recorrentes na literatura de aconselhamento destinadas às mães através da revisão de literatura existente na área. Por fim, o último capítulo

¹⁰ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado. p.70-71

¹¹ FIGUEIRA, Sérvulo. **Cultura da Psicanálise**. São Paulo: Brasiliense, 1985

¹² VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.1

¹³ Englobam as áreas da Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Psicoterapia, Terapia e Psicopedagogia

apresenta os resultados mais significativos a vulgarização do discurso psi na revista Pais & Filhos e as transformações das condições femininas que lhe estão associadas.

2 A VALORIZAÇÃO DA INFÂNCIA E A INTERFERÊNCIA MÉDICA NA FAMÍLIA

Este capítulo trata do desenvolvimento da puericultura no Brasil a partir das últimas décadas do século XIX e início do século XX, processo ligado à progressiva valorização social da infância, período valorizado por ser a época de formação do cidadão do futuro. O investimento público na saúde e na educação das crianças tornou-se estratégico para o fortalecimento da nação e provocou mudanças nos modos tradicionais de conduzir a maternidade. A maternidade revestiu-se de importância política e tornou-se um dever nacional a ser cumprido pelas mulheres conforme as recomendações científicas formuladas pelos médicos puericultores.

Como proposta educativa e visando a transformação das práticas maternas, os médicos passaram a divulgar os conhecimentos da puericultura e higiene infantil nos meios de comunicação— manuais de puericultura para leigos, cartas e seções em revistas e jornais, palestras radiofônicas e posteriormente, a televisão. Os manuais de puericultura consistiram em uma das principais estratégias empregadas pelos pediatras para levar seus ensinamentos para além de seus consultórios. Por meio da escrita dos manuais, os médicos pretendiam atuar como educadores das mães, tornando-as suas aliadas no combate à mortalidade infantil, um dos mais graves problemas de saúde pública com que se defrontava a medicina da época. Entendiam que era preciso agir preventivamente, esclarecendo as mulheres sobre todos os aspectos necessários para criar uma criança saudável e bem-educada. Combatiam saberes e costumes populares associados à ignorância, o que eles chamavam de crendices e superstições que punham em risco a saúde das crianças e de suas mães e propunham a sua substituição por práticas orientadas pela racionalidade médica.

Àries¹⁴ foi um dos autores que deu grande contribuição para a compreensão da história da infância. Seguindo sua análise, na Idade Média não se observava a mesma separação que existe hoje entre o mundo das crianças e o dos adultos. Em tempos de taxas de mortalidade elevadas, o primeiro papel da criança era sobreviver. Vencida esta etapa e assim que fosse desmamada e pudesse comer, andar e falar sozinha, ela passava para o convívio com os adultos e todo o processo de aprendizagem decorria dessa convivência.¹⁵

A criança pequena não era considerada um ser especial, pois devido às condições sanitárias da época sua sobrevivência era pouco provável, dificultando a criação de elos afetivos entre as mães e seus filhos pequenos.¹⁶ Entretanto, Badinter¹⁷ pensa justamente o contrário, questionando se não seria justamente a falta de apego das mulheres a seus filhos que determinaria a alta mortalidade infantil já que era um costume comum as mães das classes mais abastadas entregarem seus filhos praticamente recém-nascidos às amas de leite.

Segundo Àries¹⁸, a partir do século XVII, algumas transformações indicam a emergência de um novo sentimento familiar associado à valorização da infância. A modificação dos hábitos educacionais, passando-se da aprendizagem cotidiana exercida no ambiente doméstico à escolarização maciça da infância e a mudança na transmissão de bens que passa a reconhecer a igualdade entre os filhos na linha sucessória.¹⁹ Começa a privatização da família que se retrai para uma casa mais apropriada para o desenvolvimento da intimidade. A afeição passa a ser um fator importante na união entre cônjuges e também entre pais e filhos, especialmente

¹⁴ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2011

¹⁵ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Puericultura: duas concepções distintas**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n.1, p.7-13. p.10

¹⁶ MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos**. *Psicologia, Ciência e Profissão*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. p.45

¹⁷ BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985

¹⁸ ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2011

¹⁹ MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **Op.cit.** p.46

pelos cuidados e mimos dedicados à criança pequena.²⁰ A preocupação com o futuro da criança assume grande importância. Pensadores renomados, como Locke e Rousseau, associam a imagem da criança à semente de uma árvore, promessa de futuro, desde que bem orientada e conduzida.²¹

Essas modificações, porém, instauram-se lentamente, não sem resistências, e inicialmente estavam restritas às famílias burguesas ou nobres. No último terço do século XVIII, há uma intensificação da valorização da infância, pois a nova ordem econômica que passa a vigorar com a ascensão da burguesia enquanto classe social impunha como imperativo, entre outros tantos, a sobrevivência da criança.²²

Foucault²³ aponta que a saúde e o bem-estar da população tornam-se as principais preocupações dos Estados nacionais na Europa do século XIX. A partir de então, a riqueza dos Estados-nação não é definida apenas pela presença dos recursos materiais de seus territórios, mas principalmente pelo estado de saúde de suas populações. Assim, a infância torna-se alvo de uma intensa política médico-sanitária para assegurar a saúde da população e a formação de cidadãos úteis para o progresso do país.²⁴ A criança deixa de ser vista como mão-de-obra e transmissora do sangue e do nome da família e passa a ser percebida como depositária do futuro da nação e da raça.²⁵

Médicos da época alertavam seus governos para os problemas relacionados à defesa e à riqueza da nação causadas pelas altas taxas de mortalidade infantil. A constatação de altíssimas taxas de mortalidade infantil em sociedades onde o número de habitantes era considerada a maior riqueza levou à necessidade de se

²⁰ SANTOS, Renata C. K; RESEGUE, Rosa; PUCCINI, Rosana Florini. **Puericultura e a atenção à saúde da criança: aspectos históricos e desafios.** *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*. São Paulo, v. 22, n. 2, p.160-165, 2012. p.161

²¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. **“Vamos criar seu filho:” os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX.** *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 135-154, jan-mar. 2008. p.138

²² MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos.** *Psicologia, Ciência e Profissão*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, jul-dez, 2004. p.47

²³ FOUCAULT, Michel ;MACHADO, Renato (Org.). **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996

²⁴ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Op.cit.** p.10

²⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.140

elaborar políticas para garantir a saúde da população. O medo do despovoamento por parte dos Estados que dependiam das suas populações para compor seus exércitos, suas colônias, sua mão-de-obra e seus mercados, deu início à medicina de Estado.²⁶

Ao estabelecimento de uma união entre a medicina e o Estado para o fortalecimento das nações Michel Foucault denominou como “o privilégio da infância e a medicalização da família”. Como privilégio da infância entende-se não só a preocupação com a relação entre natalidade e mortalidade, mas também a correta gestão dessa época da vida. Estado e medicina vão se preocupar com as condições físicas e econômicas necessárias e suficientes para garantir a sobrevivência e o bom desenvolvimento da criança para que esta chegasse à fase adulta. A medicalização da família é o processo pelo qual foram sendo codificadas novas regras para as relações entre pais e filhos. Um conjunto de obrigações se impõe, tanto aos pais quanto aos filhos: cuidados de limpeza, amamentação materna, vestuário sadio e educação física. Foucault chama a atenção para o fato de que, tão importante quanto esse processo mais privado de modificação das relações nas famílias, outro fenômeno surge – dissemina-se na sociedade a idéia de que a vida deve seguir preceitos médicos. A partir desse momento, os corpos e a vida passam a ser medicamente instituídos e controlados.²⁷

As mulheres vão ocupar um lugar estratégico nessas novas políticas de saúde devido às chamadas capacidades naturais de gestar e parir. O discurso médico reforçava a necessidade das mães ocuparem-se com os filhos, pois essa seria a forma natural e adequada de garantir a saúde integral da criança, enquanto anteriormente poderiam ser as amas ou outras mulheres. Dessa maneira, a mãe passa a ser vista como uma peça fundamental para o desenvolvimento do Estado na razão direta da prosperidade da família que a partir de então tem a incumbência de engendrar um cidadão saudável e útil para a sociedade.²⁸

²⁶ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Op.cit.** p.10

²⁷ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Op.cit.** p.10

²⁸ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos.** Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado. p.29-31

Donzelot²⁹ diz que a interferência médica na família produziu mudanças profundas na organização familiar: a secundarização da figura do pai, que será substituído pelo Estado e pelos especialistas, e a aliança entre o médico e a mãe que teria beneficiado a ambos – à mulher, promovendo-a socialmente em função do desempenho adequado da maternidade que deveria seguir os preceitos médicos e higienistas – e ao médico, que teve seu poder reforçado contra as antigas práticas e costumes leigos na criação das crianças, que nas classes ricas consistia no aleitamento mercenário bem como a transferência da responsabilidade da educação das crianças para os criados ou internatos; enquanto que nas camadas mais pobres o problema a ser enfrentado era o abandono das crianças.³⁰

A ampliação das responsabilidades maternas fez-se acompanhar, portanto, de uma crescente valorização da mulher-mãe, dotada de poder e respeitabilidade desde que não transcendesse o domínio doméstico. Apesar das novas responsabilidades conferirem um novo status às mulheres na família e na sociedade, afastar-se delas trazia enorme culpa, além de um sentimento de anormalidade tendo em vista que contrariava a natureza, o que só podia ser explicado como desvio ou patologia.³¹

No Brasil o fenômeno de medicalização da família ocorreu em meados do século XIX e apresentou dimensão singular, associada às especificidades da condição econômica, política e social, em particular o projeto modernizador republicano que depositava na conservação das crianças a esperança para a viabilidade da nação nos mesmos moldes do processo civilizador europeu.³²

Diferentemente do contexto europeu, o despovoamento não constituía problema central no caso do Brasil, mas sim a precariedade das condições sanitárias, em particular a elevada mortalidade infantil, que representava ameaça à construção da nação, ponto nevrálgico para a consolidação do regime republicano.³³

²⁹ DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986

³⁰ MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **Op.cit.** p.46-47

³¹ MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **Op.cit.** p. 46

³² FREIRE, Maria Martha de Luna. **Ser mãe é uma ciência:": mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos***. Rio de Janeiro, v. 15, n.1,p.153-175. p.154

³³ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Op.cit.** p. 155

As altas taxas de mortalidade e morbidade infantil no Brasil estavam relacionadas ao que os médicos consideravam como costumes herdados dos tempos de colônia que ainda vigoravam entre as famílias tradicionais e que eram nocivas à saúde da criança: o antigo hábito dos senhores escravos de exigir que suas escravas abandonassem seus filhos na Casa dos Expostos para poderem ser alugadas como amas de leite; a contratação de amas-de-leite pelas mulheres de elite para eximirem-se da tarefa de amamentar seus próprios filhos e também a deformação moral das crianças pela convivência próxima com amas e lacaios negros.³⁴

Assim, a passagem à modernidade exigia um saneamento físico e moral da sociedade brasileira na tentativa de superar um passado de atraso identificado com o período colonial e com a escravidão. A elite intelectual de então, composta majoritariamente por médicos e juristas, formulou um projeto de reorganização e normatização da sociedade objetivando produzir uma população saudável que fosse capaz de operar transformações no destino do país adequadas aos novos tempos.³⁵ Para atingir essa meta, elaboraram-se discursos reformistas sobre as instituições, a começar pela família, alcançando escolas, hospitais, quartéis, prisões, enfim, espaços públicos e privados que deveriam estar em conformidade com as diretrizes higienistas. A família foi a primeira instância de articulação das políticas relativas à boa saúde, tanto individual quanto coletiva.³⁶ Para os médicos higienistas, a transformação da família passava necessariamente pela redefinição de papéis de seus integrantes, atribuindo novas responsabilidades aos pais e propondo novos códigos de conduta para a educação das crianças. Dessa forma, a criação dos filhos deixou de ser uma questão privada, e tornou-se uma questão de política pública, de importância substancial para o progresso e futuro do país.³⁷

No entanto, as políticas higienistas encontraram nas famílias um forte obstáculo à sua atuação uma vez que seus hábitos e condutas tinham fortes

³⁴ LIMA, Ana Laura Godinho. **Maternidade higiênica: Natureza e ciência nos manuais de puericultura. *História: questões e debates***, Curitiba, n.147, p. 95-122, 2007. p.102-103

³⁵ TEIXEIRA, Kerolyn Daiane. **A puericultura nas páginas do jornal em Curitiba, entre a virada do século XX até 1930**. Curitiba: UFPR, 2010. Monografia de conclusão de curso de graduação em História. p.13-14

³⁶ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.23-32

³⁷ TEIXEIRA, Kerolyn Daiane. **Op.cit.** p.15

reminiscências com o período colonial, levando os indivíduos a não se subordinarem aos objetivos do governo.³⁸ Jurandir Freire Costa³⁹ analisou a modificação de costumes e o processo de higienização da família no Brasil - entre os séculos XVIII e XIX - que acompanharam a transformação da família colonial. Tendo se instalado à distância do governo central, o colono estabeleceu-se como praticamente o único responsável pela ocupação do território sendo que a intervenção da coroa portuguesa apenas ocorria em situações graves, de ameaça real ao seu poder. Nessas condições, a família latifundiária acumulou um poder que competiria com o poder da metrópole.⁴⁰

Além disso, uma das principais características da família colonial era a valorização do poder paterno. A mulher e os filhos, assim como os demais membros da parentela, interessavam apenas enquanto elementos postos a serviço do patriarca, e viam na figura do homem não só o protetor, mas também o patrão, já que a casa colonial funcionava como uma pequena unidade de produção. E ao pai interessava o filho adulto com capacidade de herdar seus bens e levar adiante o nome da família.⁴¹

Desse modo, os higienistas perceberam que todo o sistema colonial herdado estava centrado nos interesses do pai, o que dificultava a sobrevivência das crianças. Desta forma, o sistema familiar deveria ser reformado, do casamento à organização da família; do sexo conjugal à criação dos filhos com vistas a atenuar o poder do pai e promover a mãe e a criança na gestão do cotidiano familiar. Para atingir tal fim, as políticas higienistas tornaram as mães suas aliadas, fazendo surgir a figura da “mãe higiênica.” Tanto no Brasil como na Europa, para a constituição da “mãe higiênica”, foi fundamental o discurso higienista no ataque ao aleitamento mercenário bem como ao costume de deixar as crianças sob os cuidados das amas e lacaios negros.⁴²

Era necessário convencer as mulheres que elas mesmas deveriam amamentar e se encarregar do cuidado com os filhos. Assim, com a finalidade de

³⁸ MOURA, Solange Maria S. R.; ARAÚJO, Maria de Fátima. **Op.cit.** p. 49

³⁹ COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 2004

⁴⁰ COSTA, Jurandir Freire. **Op.cit.** p.36

⁴¹ COSTA, Jurandir Freire. **Op.cit.** p.157-175

⁴² COSTA, Jurandir Freire. **Op.cit.** p.157-175

persuadir as mães a seguirem as recomendações médicas, o discurso higienista culpava as mulheres que não desempenhavam bem o seu papel de mãe, argumentando que estavam infringindo as leis da natureza, contribuindo, dessa forma, para a instauração de um sentimento de anomalia entre as mulheres, o que garantia a legitimidade do discurso médico. Ao incentivar que as próprias mães amamentassem os seus filhos, os médicos confinariam a mulher por um longo período ao espaço doméstico, o que facilitava a vigilância e o controle do poder médico sob as crianças e famílias.⁴³

Os cuidados maternos passam a ser cada vez mais valorizados e a maternidade assumiu um lugar de destaque nas políticas de saúde pública durante a consolidação do Estado brasileiro. Assim, a maternidade antes restrita à esfera doméstica adquiria um novo caráter de missão patriótica e função pública. Por ser o exercício da maternidade de vital importância para o desenvolvimento do país, os médicos passaram a aconselhar as mães para que cumprissem bem a função que a natureza lhes havia designado.⁴⁴

Havia um consenso entre os médicos que a mortalidade infantil e outras mazelas da infância eram ocasionadas pela ignorância e incapacidade dos pais e, sobretudo das mães em educarem seus filhos. Apesar de o discurso higienista considerar a educação das crianças uma responsabilidade natural das mães, uma vez que decorre da sua condição biológica, as mães são, paradoxalmente, consideradas incompetentes em realizar de modo adequado esta tarefa.⁴⁵ Por isso a necessidade de ações médicas preventivas de caráter educativo com a finalidade de instruir as mães, lançando as bases para o desenvolvimento e disseminação da puericultura.

2.1 “É PRECISO EDUCAR AS MÃES”: A DISSEMINAÇÃO DO IDEÁRIO PUERICULTOR

A puericultura surgiu na França no fim do século XVIII como uma continuação dos projetos de medicina de Estado e de conservação das crianças e foi

⁴³ COSTA, Jurandir Freire. **Op.cit.** p.157-175

⁴⁴ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Op.cit.** p.157-159

⁴⁵ VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século.** Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p. 57

desenvolvida com a proposta de prevenir a mortalidade infantil através da educação, estabelecendo novos padrões de comportamento não só para as crianças, mas para as famílias com um todo.⁴⁶ A puericultura foi definida como um conjunto de normas sobre a arte de criar fisiológica e higienicamente as crianças. O seu desenvolvimento permitiu a sua consolidação em estreita relação com a área da saúde, aos cuidados preventivos com a fisiologia, a higiene, a nutrição que favorecessem o bom desenvolvimento físico, psicológico e social da criança, desde a gestação até a puberdade. Essas noções abrangiam desde normas de ordem médica, nutricional, psicológica, de higiene, como também aspectos sociais e afetivos.⁴⁷

A puericultura tinha como objetivo formar um “adulto perfeito” – fisicamente sadio, psiquicamente equilibrado e socialmente útil.⁴⁸ Com um forte apelo científico e eugênico, o discurso da puericultura não reconhecia a diversidade social e cultural, reproduzindo normas de enunciados fechados e elegendo a ciência como a única forma apropriada para se educar as crianças, desautorizando práticas e saberes que não fossem institucionalizados.⁴⁹

A difusão da puericultura no Brasil ocorreu de forma intensa no fim do século XIX e início do XX e se baseou em normas já difundidas em outros países. A puericultura foi importada para o Brasil em 1890 pelo médico pediatra e filantropo Arthur Moncorvo Filho, que funda em 1899, o Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, uma instituição filantrópica que buscava amparar e proteger a infância necessitada. Além de serviços nos moldes das “Gotas de leite”, o instituto colaborava com a divulgação da puericultura e de preceitos higiênicos em jornais e também através das atividades assistenciais das damas da sociedade, que

⁴⁶ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Op.cit.** p. 9-11

⁴⁷ TURINA, Keli Fernanda Rucco; Oliveira, Marcus Aurélio Taborda. **Educando a sensibilidade: a puericultura como alicerce da moral e do trabalho na Escola Maternal da Sociedade de Socorro aos Necessitados. Revista Diálogo Educacional.** Curitiba, v.11, n. 34, p. 863-884, set-dez. 2011. p.868-869

⁴⁸ TURINA, Keli Fernanda Rucco; Oliveira, Marcus Aurélio Taborda. **Op.cit.** p. 868-869

⁴⁹ SANTOS, Renata C. K; RESEGUE, Rosa; PUCCINI, Rosana Florini. **Puericultura e a atenção à saúde da criança: aspectos históricos e desafios. Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano.** São Paulo, v. 22, n. 2, p.160-165, 2012.p.162

embora fossem bem intencionadas eram completamente ignorantes a respeito dos conhecimentos da higiene infantil, conforme os médicos do Instituto afirmavam.⁵⁰

Valendo-se das descobertas e retóricas científicas, os médicos associavam as altas taxas de mortalidade infantil averiguadas no Brasil com a falta de higiene e os cuidados com o corpo. Acima de tudo, alertavam a ignorância das mães que recorriam a práticas curativas consideradas arcaicas e atrasadas, deixando seus filhos perecerem nas mãos de parteiras e curiosas, o que colocava em risco o objetivo de formar o cidadão saudável, robusto e útil à sociedade comprometendo, dessa forma, o futuro do país. Os pediatras logo perceberam a urgência em informar e orientar as mães acerca das noções de puericultura.⁵¹

De acordo com os médicos, o exercício da função maternal deveria ter como base o conhecimento científico, se as mães desejassem que seus filhos crescessem robustos e sadios. Como forma de persuadir as mães, os médicos alertavam para os efeitos nefastos do exercício tradicional da maternidade transmitido pelas redes informais de aconselhamento – as tão referidas vizinhas, parentes e comadres -, desautorizando e desqualificando qualquer prática que não possuísse fundamento científico.⁵² Dessa forma, o discurso puericultor almejava uma uniformização dos procedimentos maternos redefinindo a maternidade em métodos modernos baseados nos conhecimentos científicos.⁵³

Tendo como objetivo a modificação das práticas maternas e a disseminação do ideário puericultor na sociedade, numa verdadeira cruzada para a salvação da infância, os médicos puericultores, de acordo com Martins⁵⁴, propuseram um tripé de medidas articuladas, centradas no Estado, nos médicos especialistas e nas mães. O Estado seria responsável pela formulação de uma legislação protetora da criança, da mulher e da família, bem como pela implementação de políticas públicas. Aos especialistas, cabia a produção do conhecimento sobre a infância e pela orientação das políticas de saúde e bem-estar das mães e das crianças. Por fim, as mães,

⁵⁰ BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Op.cit.** p.9

⁵¹ TURINA, Keli Fernanda Rucco; Oliveira, Marcus Aurélio Taborda. **Op.cit.** p.870-871

⁵² VILHENA, Carla. VILHENA, Carla; MOTA, Luís. **É preciso educar as mães: as revistas de educação familiar e a profissionalização da maternidade (1945-1958). Exedra-Esec, Temas e reflexões de História da Educação: perspectivas portuguesas e brasileiras.** Coimbra, p. 70-79, 2013. p. 74-75

⁵³ TEIXEIRA, Kerolyn Daiane. **Op.cit.** p.18

⁵⁴ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.139-141

consideradas as responsáveis diretas pelo bem ou mal-estar das crianças, sofreriam um processo de culpabilização pelas doenças e mortes que porventura atingissem seus filhos.⁵⁵

No entanto, os médicos acabaram atuando nas três pontas do tripé que conjugava as políticas de proteção à infância, ou seja, como especialistas atuando na clínica; juntamente às instâncias públicas, tanto como funcionários públicos dos estabelecimentos ligados ao governo, como legisladores que aprovavam leis e projetos para a proteção materno-infantil; e por fim, a tarefa mais importante, a educação das mães, por meio das consultas médicas e principalmente através das inúmeras publicações divulgadas nos mais diversos meios de comunicação existentes na época já que segundo os médicos os conselhos dados nas consultas não eram suficientes e nem extensivos como imaginavam.⁵⁶

Dessa forma, com a finalidade de atingir um número maior de mães e já que a tarefa era acima de tudo educativa, os médicos passaram a divulgar os conhecimentos da puericultura nos mais diferentes tipos de mídia – manuais de puericultura, cartas e seções em jornais e revistas, palestras radiofônicas e, posteriormente, a televisão. Por mais bem intencionadas que as mães fossem, cometiam muitos erros e precisavam ser educadas conforme a racionalidade científica da medicina. Sendo assim, os médicos produziram uma extensa obra pedagógica que preconizava como ideal a maternidade científica, iniciando, portanto, a pedagogia materna, a princípio conduzida pelos médicos, e posteriormente pelas escolas, ensinando noções básicas de higiene infantil e primeiros socorros e divulgando informações sobre doenças mais comuns entre as crianças, equiparando, desse modo, o exercício da maternidade a uma profissão.⁵⁷

Os manuais de puericultura consistiram em uma das principais estratégias empregadas pelos pediatras para levar seus ensinamentos para além de seus consultórios. Os manuais de puericultura ganharam uma ampla produção tanto nos Estados Unidos, pioneiro neste tipo de literatura, quanto na Europa e mais tardiamente em países da América Latina e no Brasil. Nos Estados Unidos esses livros tiveram boa aceitação por parte do público conforme as cartas escritas pelas

⁵⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.139-141

⁵⁶ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.139-141

⁵⁷ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.139-141

mães às revistas, jornais e aos órgãos públicos especializados em saúde infantil naqueles tempos.⁵⁸

Em relação ao Brasil, Lima⁵⁹ afirma que os manuais de puericultura precederam a própria pediatria em mais de quatro décadas. Enquanto o primeiro manual de puericultura nacional foi publicado em 1843 e tinha como título “*A guia médica das mães de família*”, a pediatria como especialidade médica teria surgido apenas em 1882, quando foi criado o primeiro curso de “clínica das moléstias das crianças”, no serviço da Policlínica Geral do Rio de Janeiro, por iniciativa de Carlos Arthur Moncorvo Figueiredo. Moncorvo Filho, fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio de Janeiro, em 1899, integrou a primeira geração de pediatras formados pela Policlínica, no curso fundado por seu pai.⁶⁰

Nos manuais de puericultura, os médicos colocavam suas leitoras a par de tudo quanto sabiam a respeito da higiene infantil, fazendo delas suas aliadas na luta pela prevenção das doenças e, sobretudo, no combate a morbi-mortalidade infantil, problemas com os quais se defrontava a medicina da época. Os médicos acreditavam que uma das principais causas era justamente a ignorância dos preceitos de puericultura. Pronunciando-se com base nos conhecimentos científicos adquiridos ao longo de sua formação nas faculdades de medicina e na vasta experiência clínica⁶¹, os médicos desqualificavam qualquer saber que não tivesse fundamento científico, estabelecendo com as mães uma relação desigual e assimétrica que expressava não só a diferença entre leigo e especialista, mas também a diferença de gênero. De um lado está o médico, com seu conhecimento e autoridade e de outro a mãe, semelhante à condição de aluna aplicada, que deveria esperar passivamente e seguir rigorosamente os conselhos do especialista.⁶²

Para legitimar ainda mais a sua autoridade, os médicos semeavam a desconfiança sobre práticas e saberes maternos tão comuns transmitidos por mães, sogras, vizinhas e amigas.⁶³ Como estratégia para convencer as mães, os pediatras recorriam à linguagem popular e ironia criando personagens caricatos para

⁵⁸ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.142

⁵⁹ LIMA, Ana Laura Godinho. **Op.cit.** p.101-102

⁶⁰ LIMA, Ana Laura Godinho. **Op.cit.** p.102

⁶¹ LIMA, Ana Laura Godinho. **Op.cit.** p.102

⁶² MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.137

⁶³ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p.137-138

descrever o que eles consideravam como influência negativa associada às avós, comadres, entendidas e sabichonas, que costumavam auxiliar as novatas com base nas suas próprias experiências como mães.⁶⁴ Culpabilizadas pelos médicos, as mães eram vistas com desconfiança sendo alertadas das perigosas conseqüências que poderiam advir do não cumprimento das prescrições médicas – a possibilidade da não sobrevivência da criança.⁶⁵

Embora as mães fossem aconselhadas sobre uma multiplicidade de aspectos relacionados com os cuidados a ter com o corpo da criança, desde o vestuário até o tratamento de doenças, a alimentação e a higiene constituíram os dois temas centrais divulgados nos primeiros manuais publicados. Na época, as perturbações alimentares e as doenças infecto-contagiosas eram as principais causas de mortalidade entre as crianças com menos de cinco anos. Ao centrarem-se nestes temas, os médicos atribuíram às mães a responsabilidade pela saúde dos filhos, dando-lhes um papel central na prevenção da doença. Assistia-se à defesa intransigente da amamentação materna considerada a forma mais adequada de alimentar os bebês, tendo um importante papel no combate à mortalidade infantil e transformando-se, assim, numa questão de saúde pública, fazendo parte de um conjunto de medidas mais vasto cujo principal objetivo era a melhoria da saúde da população.⁶⁶

Na década de 1920, os pediatras dispunham de numerosos estudos científicos que permitiam comprovar a superioridade do leite materno em relação a todas as outras alternativas para a alimentação da criança. Recorriam à ciência e à estatística para conferir legitimidade a seus discursos em prol da amamentação. Não deixavam de empregar exortações morais e até religiosas com o mesmo propósito. O leite da mãe era por direito da criança, por isso, a amamentação era uma obrigação da mãe. Outras estratégias de convencimento eram a promessa de maior felicidade e beleza para as mães que amamentavam e a ponderação de que a amamentação era mais prática para a mulher do que alimentação artificial, uma vez que dispensava a necessidade de lavar e ferver mamadeira, calcular as quantidades

⁶⁴ TEIXEIRA, Kerolyn Daiane. **Op.cit.** p.17

⁶⁵ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.69

⁶⁶ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.70

da mistura e controlar a temperatura do leite.⁶⁷ O leite do peito estava sempre pronto para ser oferecido, na formulação e na temperatura exatas para atender o apetite do bebê. Além do mais, seria capaz de proteger o organismo da criança contra uma série de doenças, funcionando como uma vacina natural. Daí a culpabilização das mulheres por negar o seio aos filhos, já que de certa forma, estariam lhes negando o direito a uma vida saudável e com expectativas positivas de longevidade.⁶⁸

Apesar dos pediatras considerarem a amamentação um ato determinado pela própria natureza, entendiam que as mulheres precisavam de instrução e de técnica para realizá-la adequadamente. As mães eram aconselhadas a higienizar os seios, a não amamentar durante a noite e a seguir, durante o dia, horários previamente estabelecidos. A simplicidade do aleitamento era anunciada para logo depois ser negada nos mesmos textos.⁶⁹

Com efeito, os conselhos relativos à higiene assim como à alimentação das crianças tinham como principais objetivos regular os comportamentos maternos e conferir às mães a responsabilidade moral pela saúde dos seus filhos. Porém, não foram apenas os cuidados com o corpo que suscitaram preocupação por parte dos médicos especialistas. A partir do momento em que as taxas de mortalidade começaram a cair, as atenções se deslocaram para o desenvolvimento psicológico da criança. Os manuais de meados do século XX passaram a tratar mais de questões relacionadas à mente da criança do que ao corpo, contrariamente ao que acontecia naqueles publicados no século XIX ou nas primeiras décadas do século XX.⁷⁰

⁶⁷ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Tese de doutorado. p. 264-280

⁶⁸ LIMA, Ana Laura Godinho. **Op.cit.** p.113

⁶⁹ FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Tese de doutorado. p. 264-280

⁷⁰ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.71

3 A EMERGÊNCIA DA CULPA: ENTRA EM CENA O PSICÓLOGO, O NOVO ESPECIALISTA EM EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS

À medida que conquistavam a confiança das mães e das famílias e quando as taxas de mortalidade e morbidade infantil começaram a diminuir, os especialistas em puericultura passaram a se interessar cada vez mais por questões relacionadas não apenas aos problemas de saúde física relativos à infância, mas também pelo desenvolvimento psicológico e transtornos de comportamentos apresentados pelas crianças. Assim, o objetivo deste capítulo é situar em que momento os saberes das áreas da psiquiatria, psicologia e higiene mental começaram a ser divulgados aos pais nos mais diferentes tipos de mídia.

No início do século XX a principal preocupação dos especialistas ocidentais em puericultura, em seu trabalho de divulgação de conhecimentos especializados endereçados às mães, era com a mortalidade infantil em decorrência de problemas ocasionados pela má-nutrição e doenças infectocontagiosas. A partir do momento em que as taxas de mortalidade e morbidade infantil começaram a declinar, o foco dos especialistas em crianças se deslocou para o desenvolvimento psicológico infantil. A constituição de uma mente saudável, através da correta educação das crianças, tornou-se um tema recorrente em revistas e livros especializados em saúde e educação dos filhos, até então, apenas o médico norte-americano G.Stanley Hall, trouxera algumas idéias de Freud para a América e escrevera alguma coisa sobre psicologia infantil em seu livro de aconselhamento publicado em 1909.⁷¹ Hall defendia a importância do estudo atento da criança, da sua observação, pois só assim se poderiam encontrar os métodos mais adequados para a sua

⁷¹HULBERT, Ann. **Raising America. Experts, parents and a century of advice about children.** New York: Vintage books, 2004. p.9

educação incentivando as mães a registrarem cuidadosamente todas as competências adquiridas pelos seus filhos.

Vilhena⁷² salienta, que no decorrer do século XX, a psicologia foi alçada a posição central de ciência de governação das populações, principalmente no que diz respeito a regulação do comportamento. Durante a década de 1920, nos Estados Unidos, existe uma forte crença na capacidade da psicologia em mostrar o verdadeiro caminho para a saúde, a felicidade e a prosperidade pois a psicologia era vista como uma ciência que permitia prever e controlar o comportamento humano.⁷³

Dessa forma, com o declínio das taxas de mortalidade infantil, o Departamento da Criança dos Estados Unidos começou a se preocupar com a psicologia na criação de filhos. O Departamento da Criança fez um trabalho de revisão de tudo que foi publicado sobre psicologia infantil, classificando o material de obsoleto e alertando que as mães deveriam prestar atenção para este fato. Chamada a atenção para isso, o governo, então, teve a missão de divulgar os últimos ensinamentos da psicologia.⁷⁴

A partir deste momento, o foco do governo americano e dos especialistas em puericultura seria a saúde mental das crianças. Em 1925, os especialistas instituem a Conferência sobre a Maternidade Moderna, com a finalidade de discutir tudo o que se tinha produzido sobre cuidados com criança até então. Os cientistas sociais estavam preocupados com os rumos que a sociedade tomou após a I Guerra Mundial. A guerra havia mostrado como a tecnologia foi utilizada para a destruição. A ciência, de acordo com os especialistas, deveria ser empregada para alcançar o progresso social, erradicando os males da irracionalidade, pobreza, conflitos de classe e nações.⁷⁵

Obviamente que a culpa destes problemas foi atribuída aos pais, em especial às mães que não sabiam educar os seus filhos. A questão era que os pais apenas se preocupavam com o desenvolvimento físico da criança, sem levar em conta a sua

⁷² VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p.54-55

⁷³ SCHULTZ & SCHULTZ. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cengage learning, 2009. p.274-275

⁷⁴ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p. 99

⁷⁵ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.101

vida mental, delicada e complexa, segundo o Departamento de Higiene Mental Norte-americano. A infância, portanto, transforma-se na fase mais importante para a higiene mental, afinal, o desequilíbrio do adulto seria resultante dos condicionamentos adquiridos durante a infância. A criança precisava crescer e se desenvolver em um ambiente saudável, pois só assim estaria livre de males tais como a falta de concentração, a oligofrenia, a dependência, a delinquência, a criminalidade e a leviandade. A psicologia, então, tornou-se a solução para os problemas dos maus hábitos e da raça.⁷⁶

Desse modo, entra em cena um novo especialista em saúde infantil, o psicólogo que irá trabalhar em parceria com o pediatra. Médicos e psicólogos começaram, então, o seu trabalho de divulgação junto aos pais das últimas novidades dos conhecimentos “psi” através dos diversos meios de comunicação para as massas – livros e manuais de puericultura, jornais, revistas, programas radiofônicos e posteriormente, a televisão. Nos Estados Unidos foram criados laboratórios vinculados às instituições científicas, universidades e órgãos do governo, com a finalidade de estudar o comportamento e desenvolvimento da criança até a adolescência, através de uma série de exames detalhados e precisos, visando melhores métodos de cuidados e educação.⁷⁷

Assim, no decorrer da primeira metade do século XX, a higiene mental produziu o consenso vigente entre os especialistas de que o primeiro dever da família na sociedade industrial moderna não era mais a produção econômica, mas a busca por um ambiente saudável para o ajustamento social normal das crianças. Havia uma forte crença por parte dos governos e especialistas que a psicologia garantiria a adequação dos indivíduos a um estado de normalidade. Desse modo, os especialistas em higiene mental, através do seu trabalho de divulgação em meios de comunicação para as massas, familiarizaram o público com um conceito de uma “normalidade” e os pais, em especial as mães, foram alertadas para qualquer

⁷⁶ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.103

⁷⁷ EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deidre. **Para o seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. p.225-226

anormalidade, ou seja, qualquer comportamento neurótico ou anti-social dos filhos durante o seu crescimento.⁷⁸

Embora as idéias freudianas tivessem sido divulgadas desde a primeira década do século por pensadores de “vanguarda” e alguns termos freudianos fossem usados com uma familiaridade superficial não foi a psicanálise, mas a psicologia da higiene mental e behaviorista que dominou nos anos 1920. O psicólogo mais influente do período foi o comportamentalista John B. Watson que defendia que a promessa mais decisiva da psicologia era fazer o “ajustamento psicológico dos indivíduos a normas sociais salutaras.” Para atingir tal fim, Watson argumentava que as mães deveriam evitar o excesso de amor materno dedicado aos filhos, pois segundo ele era devastador para a personalidade da criança.⁷⁹

Watson é o formulador da teoria behaviorista e também responsável pela extensão dos cuidados da maternidade científica para a mente da criança, e, mais do que isso, pela aplicação de um método científico à educação de filhos. O objetivo de Watson era, através da aplicação de seu estudo, transformar a criança em um adulto disciplinado, eficiente e preciso. Um elemento essencial para a produção deste adulto é a regularidade, condição essencial para a aquisição de hábitos corretos, tanto físicos como psicológicos. As mães foram aconselhadas a estabelecer horários rígidos e fixos para praticamente todos os aspectos da vida dos seus filhos, que deviam ser escrupulosamente cumpridos, dado que qualquer deslize podia provocar a aquisição de maus hábitos, uma vez que a criança é um ser altamente moldável pela ação do meio e influenciável pelas pessoas que a rodeiam.⁸⁰

Baseado no conceito de condicionamento, Watson afirma que a forma como as mães interagem com as crianças determina o seu comportamento futuro. Ou seja, o comportamento da criança é influenciado pela conduta da mãe e, conseqüentemente, para a realização de uma educação adequada das crianças, basta modificar a forma como as mães agem cotidianamente com seus filhos. Os

⁷⁸ COTT, Nancy F. **A mulher moderna. O estilo Americano dos anos vinte.** In: THEBAUD, Françoise (Org.). **História das mulheres no Ocidente. O século XX. Vol.5.** Porto: Edições Afrontamento, 1999. p.108

⁷⁹ COTT, Nancy. **Op.cit.** p.105

⁸⁰ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.71-73

comportamentalistas defendiam que todos os aspectos relacionados com a criação e educação da criança deviam ser realizados de uma forma objetiva, racional, de acordo com horários e rotinas pré-estabelecidos, devendo as mães ter o cuidado de não se deixarem comandar pelo lado afetivo, ou melhor, pelo instinto materno. As mães são aconselhadas a punir os comportamentos indesejáveis e a recompensarem aqueles considerados como adequados, a não manifestar demasiado afeto pelas crianças tratando-as como pequenos adultos, de forma que não fiquem “muito mimadas e manipulem as mães através do choro”.⁸¹

Para Watson a criança nada mais era do que um conjunto de reflexos e apetites, uma máquina, cujo comportamento podia ser regulado e direcionado pela mãe. A regulação do comportamento, o seu condicionamento, deve ser iniciado logo após o nascimento, pois, os primeiros três anos são essenciais para o desenvolvimento emocional da criança, determinando-se nesse período o seu futuro enquanto adulto. Dado que nos primeiros anos a educação das crianças é considerada responsabilidade da mãe, a saúde mental da criança vai depender, de acordo com esta perspectiva, dos comportamentos da mãe para com o filho. Portanto, se a criança apresentasse comportamentos inadequados isso se devia ao fato da mãe não ter interagido corretamente com o seu filho, sendo o amor materno a causa da maior parte dos problemas. Segundo Watson, o amor materno, observável no excesso de solicitude da mãe para com a criança, bem como a dificuldade em ministrar-lhe uma educação objetiva e racional, constituem um perigoso instrumento para o desenvolvimento da personalidade da criança.⁸²

Dessa forma, se os médicos pediatras e puericultores responsabilizavam as mães pelos males físicos que acometiam seus filhos, a partir das décadas de 1920 e 1930 psicólogos e médicos vão culpabilizá-la por qualquer sinal de um suposto desajustamento psíquico da criança e do adolescente. Aumentava a complexidade do exercício da maternidade e a ansiedade das mães, daí a importância de recorrer aos especialistas como fonte praticamente exclusiva de aconselhamento e educação dos filhos para mulheres de classe médias leitoras de manuais médicos e revistas especializadas para o público leigo. (FIG. 1)

⁸¹ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.71-73

⁸² VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.71-73

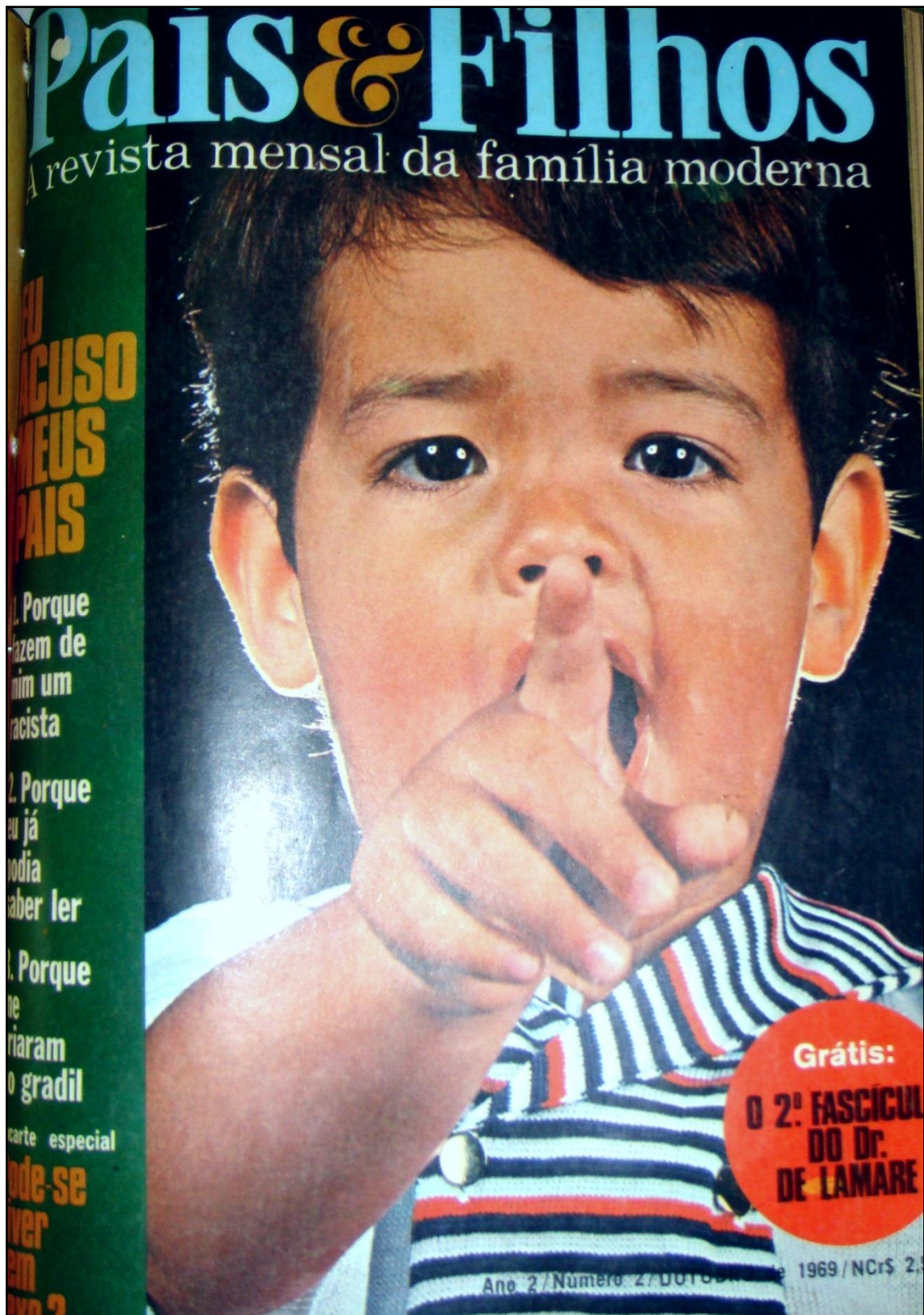


FIGURA 1 - Capa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n.2, out. 1969

3.1 “SUA MAJESTADE A CRIANÇA”: DAS NORMAS RÍGIDAS DO COMPORTAMENTISMO À SATISFAÇÃO DAS NECESSIDADES DA CRIANÇA

Em meados da década de 1940 a teoria comportamentalista em criação de filhos foi substituída pela ênfase maturacional no desenvolvimento proposta por Arnold Gesell⁸³, e na importância atribuída à figura materna e ao afeto, pelos teóricos da vinculação⁸⁴. Assim, das normas rígidas do comportamentalismo, baseadas na visão da criança como um ser moldável pela ação do meio, na aquisição de bons hábitos e nos riscos representados pelo excesso de amor materno, passou-se a uma atitude permissiva e centrada na criança, que considera o amor das mães pelos seus filhos como o fator mais importante para o desenvolvimento e a importância da satisfação das necessidades da criança para o seu bem-estar físico e psicológico.⁸⁵

Em dezembro de 1950, realizou-se a Conferência da Criança e da Juventude na Casa Branca, em Washington D.C. Havia nitidamente um objetivo político nesse evento, que era fortalecer a nação e a democracia para enfrentar o perigo moral e espiritual que vinha do comunismo. Nesta conferência, os soldados americanos que

⁸³ Arnold Gesell, médico com formação em psicologia e psicanálise, ficou famoso por fotografar crianças de diferentes idades para mostrar a trajetória do desenvolvimento físico e mental da criança. Gesell publicou o livro *The guidance of mental growth in infant and child* em 1930 e explicando que o desenvolvimento é algo predeterminado, por isso a criança não precisava ser moldada, mas monitorada. O livro de Gesell continha fotos que mostravam os estágios do desenvolvimento pelos quais as crianças passavam. Segundo ele, os pais deveriam respeitar cada etapa do desenvolvimento sem pular nenhuma e dizia: “Não olhe o relógio, olhe a criança.” In: HULBERT, Ann. **Raising America. Experts, parents and a century of advice about children**. New York: Vintage books, 2004. p.108

⁸⁴ John Bowlby, pediatra e psicanalista, é o principal expoente da teoria da vinculação. Esta teoria foi amplamente divulgada em manuais, revistas e programas de rádio e de televisão dirigidas às mães, por autores como Donald Winnicott, através da BBC, ou Françoise Dolto, na França no período após a II Guerra Mundial, tendo forte influência nas políticas sociais em relação à infância e à maternidade no período em questão. De acordo com a teoria da vinculação, existe na criança uma necessidade natural e inata de estabelecer uma ligação privilegiada com a mãe, de cuja qualidade dependerá o seu desenvolvimento emocional e social. Mais concretamente enquanto as crianças com uma vinculação segura se transformam em adultos socialmente responsáveis e autônomos, aquelas cuja vinculação com a mãe é classificada como insegura desenvolvem personalidades anti-sociais. A ênfase colocada na existência de uma ligação natural entre mãe e filho, relação privilegiada, essencial para o desenvolvimento posterior da criança, vem reforçar a ideia de que a mãe não só deve ser a principal prestadora de cuidados físicos e afetivos, mas também de que a forma como interage com o seu filho é determinante para o seu bem-estar psicológico, presente e futuro. In: VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p.56

⁸⁵ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p. 71

participaram da Guerra da Coréia foram submetidos a um julgamento público pela sua falta de habilidade em enfrentar a vida, interagir com os outros e pensar por eles mesmos. A questão era, portanto, formar uma nação emocionalmente saudável. Em seu discurso, o presidente Harry Truman afirmava que apenas um bom lar onde as crianças fossem amadas e compreendidas afastaria a ameaça comunista. Seu discurso vinha ao encontro com as idéias permissivas em educação de crianças.⁸⁶

De acordo com os permissivistas, o amor incondicional era a única coisa que as crianças precisavam. O amor era a condição necessária e amar era tarefa da mãe. O amor defendido pelos especialistas era o instintivo, o amor materno que fazia parte da natureza da mulher e foi a psicanálise a principal disseminadora desse ideal no imaginário da sociedade contemporânea.⁸⁷

Em 1939, o ano da morte de Freud, a psicanálise ganhou muito prestígio na academia e entre o público leigo. Em um discurso na Universidade de Clark em 1949 para comemorar o 14º aniversário das leituras de Freud, Anna Freud confirmara o seu status de emissária da teoria de seu pai na América. Anna Freud alertara sobre o uso da psicanálise nas edições publicadas aos pais, já que algumas idéias de Freud eram controversas e deveriam ser debatidas no âmbito acadêmico. Desde 1920, Anna Freud juntamente com Melanie Klein e outros pesquisadores desenvolveram os estudos da psicanálise com crianças.⁸⁸

Não obstante, os especialistas, em especial os permissivos, iriam aplicar indiscriminadamente as idéias das teorias pós-freudianas de maneira pouco crítica na literatura de aconselhamento de criação de filhos. A psicologia pós-freudiana contribuiu para a idealização e o reforço do papel materno tendo em vista que a relação mãe-bebê era decisiva no desenvolvimento da criança, segundo aqueles especialistas. Klein e Winnicott, grandes expoentes desta teoria, dedicaram-se ao estudo das chamadas relações objetais primitivas. É fundamental no trabalho de Winnicott, tanto a valorização do ambiente no desenvolvimento infantil, quanto o delineamento da figura da “mãe dedicada comum”, definida como aquela capaz de “promover a integração das características próprias de cada criança, diferenciando

⁸⁶ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.103

⁸⁷ EHRENREICH & ENGLISH. **Op.cit.** p.238-239

⁸⁸ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.104

cada bebê de outro, a partir do apoio encontrado no ego materno que age como facilitador da organização do próprio ego do bebê.”⁸⁹

Como a psicanálise tem como núcleo central a noção de que as experiências primitivas na infância vão incidir em comportamentos e eventos posteriores, isso foi devastador para as mães, já que elas foram culpadas de todos os infortúnios de seus filhos.⁹⁰ Num estudo em que analisa 125 artigos publicados em revistas científicas sobre saúde mental, nos anos 1970, 1976 e 1982, Caplan verifica que as mães são culpabilizadas pelos mais variados problemas, desde a esquizofrenia à agressividade⁹¹:

“Em 125 artigos, mães foram acusadas por setenta e dois diferentes tipos de problemas de seus filhos, estendendo-se desde xixi na cama à esquizofrenia; da incapacidade de lidar com o daltonismo à comportamentos agressivos, de problemas de aprendizagem à assassinos pervertidos.”

Para os teóricos da permissividade, a criação de filhos nada mais era do que uma extensão da gravidez. Sendo assim, o ideal de maternidade era a mãe libidinal que se alegrava e só encontrava satisfação em todos os momentos que passava com seu filho. A maternidade havia se transformado em uma característica inata da maturidade sexual feminina, afinal a mãe aceitava inconscientemente o bebê como substituto simbólico do pênis, compensando a natural castração feminina. Deste modo, o trabalho e a educação eram encarados como uma ameaça à maternidade, pois afastaria a mulher de seus instintos. Pensava-se, é claro, que todas as mulheres tinham maridos que as pudessem sustentar. A mídia despejava os mesmos conselhos para mulheres de todas as classes: aquelas que trabalhavam

⁸⁹ MOURA, Solange Maria S. R.; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos. *Psicologia, Ciência e Profissão***. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, jul-dez, 2004. p.49-50

⁹⁰ FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1988. p.64

⁹¹ “In the 125 articles, mothers were blamed for seventy-two different kinds of problems in their offspring, ranging from bed-wetting to schizphrenia, from inability to deal with color blindness to aggressive behavior, from learning problems to “homicidal transsexualism”. Caplan Apud VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p.57

fora de casa quaisquer que fossem os motivos estariam prejudicando a vida de seus filhos.⁹²

Nesse sentido, é importante destacar o trabalho do médico inglês John Bowlby⁹³, um dos principais pensadores da teoria da vinculação que preconiza que a saúde psíquica da criança depende da relação afetiva constante com a mãe. Bowlby em seu livro, *“Child care and growth of love”*, fruto do trabalho com crianças abandonadas criadas em orfanatos e creches no período pós-guerra, declara que a saúde da criança tem necessidade absoluta de uma relação afetiva íntima e intensa com a mãe. A mãe que tivesse sentimentos de hostilidade e rejeição em relação ao filho poderia comprometer para sempre ou até mesmo matar a criança. Ou seja, a mulher deveria oferecer atenção constante ao filho, dia e noite, sete dias por semana, 365 dias por ano. Os especialistas alertavam que as mães que não tivessem conseguido amar plenamente seu filho poderiam aguar o leite de seu bebê.⁹⁴

Porém, a mãe superprotetora, de acordo com os especialistas “psi”, também seria prejudicial à criança. A idéia da mãe sôfrega e abnegada causava ainda mais insegurança, já que a figura da mãe superprotetora era tão parecida com a mãe ideal. A superproteção esteve na origem de acusações lançadas não somente as mulheres, mas também contra as culturas de outros povos como a italiana e a judaica. Os especialistas culpavam as mães superprotetoras pelo que chamavam de crise de masculinidade de meados do século XX que teria atingido os homens de classe média americana.⁹⁵

Sendo assim, os especialistas passaram a mencionar o pai em seus manuais, porém os principais personagens continuariam sendo a mãe e o seu filho, padrão que ainda vigora nos dias de hoje.⁹⁶ A função do pai seria proteger a masculinidade do menino da mãe superprotetora. O pai deveria guiar os meninos à masculinidade

⁹² EHRENREICH& ENGLISH. **Op.cit.** p. 242-245

⁹³ Bowlby a partir de 1948 dirigiu uma pesquisa sobre as crianças abandonadas ou privadas de lar, cujos resultados tiveram repercussão mundial sobre o tratamento psicanalítico das crianças internadas em hospitais e abrigos afastadas de suas mães. Em 1950, tornou-se assessor da ONU, onde suas teses tiveram papel considerável na adoção de uma carta mundial dos direitos da infância. In: PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998. p. 85

⁹⁴ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.112

⁹⁵ EHRENREICH& ENGLISH. **Op.cit.** p. 247

⁹⁶ FORNA, Aminatta. **Op.cit.** p.68

e as meninas para a verdadeira feminilidade. Para isso, o pai deveria manter a mulher sexualmente satisfeita, pois o sexo seria o antídoto contra a maternidade de má qualidade. À mulher cabia manter-se sensual e feminina, não descuidando da aparência, pois caso contrário estaria não apenas perdendo o marido, mas prejudicando o filho.⁹⁷

Foi nesse contexto que o mundialmente famoso pediatra americano, Benjamin Spock, publicou, em 1946, seu livro *“Baby and child care”*, que se tornou um clássico mundial. (FIG.2). Este livro vendeu mais de 750.000 cópias no ano de seu lançamento, monopolizando por duas décadas todas as publicações sobre o cuidado com as crianças. Seu sucesso foi tanto que a última edição de seu livro foi em 1998, ano de sua morte. Spock foi considerado por muitos críticos o mais permissivo de todos os permissivos, embora em suas últimas obras tenha adotado um modelo de educação mais centrado nos pais e não somente na mãe. Seus críticos o culpavam pelas manifestações da juventude americana em 1968, hipoteticamente inspiradas por suas idéias permissivas.⁹⁸

O sucesso de Spock deveu-se pelo tom amigável, gentil e compreensivo como se dirigia às mães, conversando com elas sobre seus medos, dificuldades, dúvidas e angústias. Seus argumentos eram mais flexíveis e para muitas leitoras as idéias de Spock significaram a libertação de hábitos obsoletos. Segundo Ann Hulbert⁹⁹, Spock foi o primeiro especialista a tocar o coração das mães. No início de seus livros ele sempre dizia : “Confie em si mesma. Você sabe mais do que pensa que pode fazer!”

Spock defende que as crianças possuem a capacidade de se auto-regularem, razão pela qual não necessitam que lhes imponham rotinas rígidas, mas sim que os pais estejam atentos às suas necessidades e disponíveis para as satisfazerem. O conceito de necessidade é um elemento central nesta nova forma de abordar a criação e educação das crianças. Considerada uma característica natural da criança, as suas necessidades são observáveis através do comportamento e a sua satisfação constitui um elemento essencial para o seu desenvolvimento psicológico. Este conceito tem ainda implícita a idéia de que a mãe é a pessoa mais adequada,

⁹⁷ EHRENREICH& ENGLISH. **Op.cit.** p.249

⁹⁸ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p.198

⁹⁹ HULBERT, Ann. **Op.cit.** p. 199

pelo menos nos primeiros anos, para satisfazer estas necessidades, devendo estar, constantemente disponível, física e mentalmente, para exercer essa função.¹⁰⁰

Em meados da década de 1960 os especialistas começaram a se preocupar com a questão do desenvolvimento intelectual das crianças, marcando um ponto de ruptura com a visão desenvolvimentista dominante até então. Ou seja, a idéia de que o desenvolvimento se dava através de um processo da maturação que seguia leis naturais sendo impossível de acelerar como afirmava Gesell, foi substituída pela noção de que o desenvolvimento cognitivo das crianças não só podia como devia ser estimulado pelos pais¹⁰¹:

“...entre as centenas de brinquedos criativos que os psicólogos garantem acrescentar 20 pontos ao Q.I da sua criança antes do primeiro dia de escola. Dê ao seu filho um verdadeiro presente de Natal.”¹⁰²

Assim, enquanto outrora as mães eram alertadas a respeito dos perigos da precocidade e do excesso de estimulação, agora passavam a ser responsáveis pelo desenvolvimento da inteligência do filho.¹⁰³

O conhecimento e a satisfação das necessidades da criança – de amor, segurança e reconhecimento – constituem, na segunda metade do século XX, o tema central do discurso dos especialistas “psi” transmitido às mães através dos manuais, das revistas, dos programas de rádio e da televisão. É importante destacar que esta transformação na forma como se entende a educação das crianças ocorreu numa época de valorização da esfera doméstica e papel das mulheres enquanto mães e de prosperidade econômica na qual as mães de classe média tinham mais tempo livre devido à introdução da tecnologia do lar que reduziram consideravelmente o tempo gasto nas tarefas domésticas, além, de um maior aporte financeiro para gastar com os seus filhos.¹⁰⁴

¹⁰⁰ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p. 75

¹⁰¹ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p. 77

¹⁰² EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deidre. **Para o seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. p.280

¹⁰³ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p. 77

¹⁰⁴ EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deidre. **Para o seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2003. p. 211



FIGURA 2 – Exemplar do livro de Benjamin Spock publicado no Brasil localizado no Setor de Ciências Puras e Aplicadas da Biblioteca Pública do Estado do Paraná

3.2 COMBATENDO O “LAR PERVERSOR”: A NEURO-HIGIENE INFANTIL NO BRASIL DURANTE AS DÉCADAS DE 1930 E 1940

No Brasil, a familiarização do público leigo com os saberes da psiquiatria e da psicologia infantil teve início com o trabalho de divulgação promovido pela Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) nas escolas e nas famílias. Nesse sentido, a LBHM realizou um trabalho semelhante ao Movimento de Higiene Mental Norte-americano do início do século XX, cujas ações deflagraram em uma série de transformações na assistência psiquiátrica nos Estados Unidos com a criação das chamadas Child-guidance clinics (Clínicas para guia da infância ou Clínica de orientação infantil) e as “Clínicas de hábitos”, que visavam uma ação profilática de manutenção da saúde mental infantil por intermédio de orientações e aconselhamentos aos pais.¹⁰⁵

Na década de 1920 a nova orientação da psiquiatria brasileira estava pautada na perspectiva da prevenção, ou seja, intervenção anterior a qualquer sinal de desequilíbrio mental. Os psiquiatras da época argumentavam sobre o fracasso da recuperação de uma boa parte dos pacientes mentais, internados em sanatórios e hospícios superlotados, nada mais que “*meros depósitos de doentes crônicos*”, conforme afirmavam os psiquiatras.¹⁰⁶

Dessa forma, a psiquiatria brasileira direcionou suas ações para a medicina mental preventiva chamada higiene mental, propiciando, assim, um alargamento significativo do seu campo de atuação voltado a inúmeras instâncias da sociedade: a família, o trabalho e a escola. A crença vigente entre os psiquiatras era que o psiquismo dos indivíduos formava a condição essencial de toda a atividade social, assim, a possibilidade do distúrbio mental representava uma ameaça ao desenvolvimento econômico e social do país.¹⁰⁷

¹⁰⁵ SCHREINER, Alexandre. **Uma aventura para o amanhã: Arthur Ramos e a neuro-higiene infantil na década de 1930.** In: DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p.152-153

¹⁰⁶ REIS, José Roberto Franco. “De pequenino é que se torce o pepino:” a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. *Historia, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p.135-157, mar-jun. 2000. p. 136

¹⁰⁷ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 138

Dessa maneira, médicos e psiquiatras do período, fundaram em janeiro de 1923 uma instituição civil denominada Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM)¹⁰⁸ exclusivamente voltada para a divulgação e propagação das noções de higiene mental e eugenia, visando o melhoramento e aperfeiçoamento da raça. Durante a sua existência a instituição montou laboratórios de psicologia aplicada, ambulatórios de psiquiatria, consultórios de psicanálise, aplicou testes pedagógicos nas escolas públicas e em fábricas, organizou diversas semanas antialcoólicas, criou uma clínica de atendimento à criança, procurou intervir na política imigratória, apresentou programas de seleção e orientação profissional, propôs medidas de esterilização de controle pré-nupcial. Enfim, a LBHM apresentou propostas, formulou programas de ação e procurou oferecer serviços nos mais diversos campos.¹⁰⁹

Desde a fundação da LBHM os cuidados com a infância faziam parte de seu programa. Dentre as várias seções de estudo que compunham a sua organização havia uma exclusivamente dedicada à infância, a Seção de Puericultura e Higiene Infantil. Dela faziam parte diversos médicos e psiquiatras que já ocupavam, ou vieram a ocupar, postos de destaques nas políticas governamentais ou instituições privadas envolvidas com a questão da infância demonstrando com isso a importância da questão infantil nos programas de higiene mental e eugenia da Liga. Os especialistas afirmavam que a infância merecia uma atenção especial, pois as infrações da higiene mental nessa fase da vida poderiam resultar em sérios problemas mentais na idade adulta.¹¹⁰

Os especialistas acreditavam que era preciso cuidar da criança antes do período de escolar, afinal, a criança chegava na escola depois de boa parte de seus complexos e fixações já terem se formado. Nos Estados Unidos já existiam trabalhos com crianças na idade pré-escolar. No entanto, a realidade brasileira era outra, devido à enorme dificuldade de acesso às crianças em fase pré-escolar, mais acessíveis à vigilância médica.¹¹¹ Dentro desta ótica, às escolas cabia o importante

¹⁰⁸ A Liga Brasileira de Higiene Mental foi fundada em janeiro de 1923, por iniciativa de Gustavo Riedel, após o seu retorno como representante brasileiro de um Congresso Latino Americano realizado em Havana, passando a receber uma subvenção federal para o desempenho de suas atividades. In: REIS, José Roberto Franco. ***“De pequenino é que se torce o pepino:” a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. História, Ciências, Saúde-Manguinhos.*** Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 135-157, mar-jun. 2000. p. 139

¹⁰⁹ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 139

¹¹⁰ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 140

¹¹¹ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 140

papel de prevenção e ajustamento do indivíduo ao meio social. Os especialistas da LBHM defendiam que os professores deveriam entender de psicologia, pois um melhor conhecimento da criança, de seu desenvolvimento e de sua personalidade tornaria o ensino mais eficaz. As escolas modernas enfatizavam o desenvolvimento das funções psíquicas da criança, a fim de que ela mesma adquirisse os conhecimentos necessários para sua vida. Portanto, o papel do professor era educar a criança ajudando-a desenvolver sua personalidade. Dessa forma, os saberes psicológicos e os procedimentos que visavam à prevenção e o ajustamento social das crianças passariam a ser cada vez mais utilizados por especialistas de outras áreas, principalmente com a disseminação das teorias da Escola Nova.¹¹²

A instituição, escolar, ganhou, portanto, um lugar fundamental no programa higienista da Liga. Assim, merece destaque o trabalho da psicóloga e educadora russa radicada no Brasil, Helena Antipoff¹¹³ juntamente com a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, que pretendia instruir os professores com ênfase nos ensinamentos da psicologia. Antipoff acreditava que o meio era fator essencial para o bom desenvolvimento da criança e esta deveria receber desde cedo os melhores cuidados, preferencialmente, ditados por especialistas para que suas capacidades pudessem ser aproveitadas ao máximo. Dessa forma, Antipoff, assim como os higienistas da época, considerava a família mal constituída e desequilibrada e a ignorância das mulheres como origem dos desvios de caráter das crianças.¹¹⁴

Em relação à família, era necessário provê-la dos conhecimentos psicopedagógicos para uma boa educação, livre dos preconceitos e das pedagogias equivocadas dos prêmios e castigos. Professores e especialistas deveriam agir em conjunto contra o “*lar perversor*”.¹¹⁵ Conforme Júlio Porto-Carrero¹¹⁶, médico e

¹¹² SCHREINER, Alexandre. **Op.cit.** 156-157

¹¹³ Pesquisadora e educadora da criança portadora de deficiência, a professora Helena Antipoff foi a responsável pela implantação, no país, de uma política de educação e assistência à criança portadora de deficiência. Além disso, fundou a primeira Sociedade Pestalozzi do Brasil, em Belo Horizonte, Minas Gerais, iniciando o movimento pestalozziano brasileiro, que conta, atualmente com cerca de 100 instituições espalhadas por todo país. In: PINTO, Karina Pereira. **Helena Antipoff: o cuidado com a infância e a construção de uma nação civilizada**. In: DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p.116

¹¹⁴ PINTO, Karina Pereira. **Helena Antipoff: o cuidado com a infância e a construção de uma nação civilizada**. In: DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p. 121-122

¹¹⁵ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 141

relevante membro da Liga, a instrução dos pais nos saberes da psicologia e em especial da psicanálise se fazia urgente. No entanto, em trechos de sua obra, *“A arte de perverter”*, mostrava-se descrente da possibilidade de educar os pais e afirmava que a educação é tarefa de substancial importância para ser deixada a cargo de leigos:¹¹⁷

“O lar deve ser a antecipação da escola. Melhor fora ainda que fosse o lar a escola mesma; que só tivesse direito de educar o pai que realmente soubesse educar. Seria preciso criar escolas de pais; e estou certo que a maioria destes, conhecendo os perigos da educação no lar deserto, da educação por fâmulos e adventícios, preferiria entregar ao Estado a formação do caráter dos seus filhos. Porque, em verdade, com a desagregação por que passa a família moderna, com a incapacidade que tem todo e qualquer leigo de exercer esse mister difícil que requer excelentes profissionais, estou certo que o Estado, por seus técnicos de valor, substituirá a família na tarefa da educação.” (Russo Apud Porto-Carrero¹¹⁸)

Nessa direção, com a finalidade de chegar ao seu público alvo – as crianças fora da escola -, a LBHM organizou em dezembro de 1932 uma clínica psicológica para crianças, chamada Clínica de Eufrenia¹¹⁹, com finalidades que não eram apenas corretivas ou de reajustamento psíquico, mas, sobretudo de aperfeiçoamento do psiquismo através de uma atuação médica direta no período inicial do desenvolvimento mental infantil. Situada no bairro de São Cristovão, na então capital federal, a Clínica de Eufrenia pretendia atender crianças desde os primeiros meses de vida até os 12 anos, com especial atenção à idade de dois a seis anos, época de formação e internalização da personalidade infantil, segundo os especialistas. Era para essa fase que a clínica poderia cumprir melhor o seu

¹¹⁶ Júlio Pires-Porto Carrero médico e membro destacado da Liga Brasileira de Higiene Mental. Um dos maiores entusiastas e divulgadores da psicanálise no início do século XX ao público leigo. In: RUSSO, Jane. **Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador**. In: DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p.128

¹¹⁷ RUSSO, Jane. **Júlio Porto-Carrero: a psicanálise como instrumento civilizador**. In: DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores**. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005. p.133

¹¹⁸ RUSSO, Jane. **Op.cit.** p. 133

¹¹⁹ De acordo com o dicionário de Aurélio Buarque de Hollanda, eufrenia é um termo da psiquiatria e significa mente sã, normal.

trabalho, posto que, daí em diante, já estando a criança com a personalidade formada, o trabalho seria mais difícil.¹²⁰

Composta de três serviços técnicos - social, psicológico e clínico - a clínica pretendia investigar a criança em todos os seus aspectos seja através de rigoroso inquérito domiciliar ou escolar, a cargo de visitadoras sociais, de modo a colher informações sobre a vida pregressa da criança, e, sobretudo, do ambiente doméstico onde a criança se desenvolve, através de uma gama variada de testes psicológicos. Passada essa fase, a criança ia para o serviço clínico, onde seria submetida a um exame médico minucioso, sendo pesquisados os seus antecedentes hereditários, o seu desenvolvimento somático e os seus caracteres psíquicos. De posse desses dados, o especialista estudaria os problemas sociais ou individuais que careciam de solução. Ao término dessas etapas é que finalmente começaria o trabalho de reajustamento psíquico.¹²¹

Ademais, é importante frisar que diferentemente de outras clínicas de psiquiatria infantil, a Clínica de Eufrenia tinha ainda e principalmente a função profilática. Pretendia atingir, portanto, em uma ação preventiva, tanto as crianças predispostas, como as crianças mentalmente sãs.

Como forma de anunciar a clínica, a LBHM promoveu uma ampla campanha de divulgação junto à imprensa, com entrevistas de médicos, educadores e psiquiatras dos mais destacados e envolvidos com a questão infantil. Ainda, a instituição elaborou um folheto de propaganda com o título de “Exortação às mães”, que era uma verdadeira pregação alarmista. Com finalidades preventivas, baseava-se, contudo, em uma técnica de incitação ao medo, com o objetivo de alertar as mães para o risco de um desajustamento mental nas suas crianças, mesmo que aparentemente não houvesse nenhum sinal de um distúrbio psíquico.¹²² Aliás, as mães tiveram um importante papel nas políticas de saúde da Liga, pois os

¹²⁰ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 144-147

¹²¹ REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 144-147

¹²² REIS, José Roberto Franco. **Op.cit.** p. 148-151

higienistas as consideravam como principais responsáveis pela criação e educação de seus filhos.¹²³

Apesar do entusiasmo com que a Clínica de Eufrenia foi criada e do apoio de renomados psiquiatras e outros médicos, em meados de 1934, a clínica teve que abandonar o imóvel municipal em que se instalara, sendo obrigada a se transferir para um pavilhão na Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro. Isso prejudicou o trabalho dos médicos da clínica, pois as mães temiam levar suas crianças para o atendimento com medo dos filhos serem taxados como loucos.¹²⁴

A LBHM com vistas a atingir um público maior para as suas preleções, procurou divulgar seus postulados através de uma variedade de meios, ou seja, artigos na imprensa, folhetos de propaganda, palestras, programas de rádio e também a veiculação de uma revista própria *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* que começou a circular em 1925.¹²⁵ É importante destacar que muitos médicos e psiquiatras da LBHM atuavam como colaboradores de revistas femininas na época, assinando diversos textos que orientavam às mães sobre os meandros da mente infantil, sugerindo condutas para estimular o intelecto dos filhos e ajudá-los a enfrentar problemas emocionais como medo, ciúme e teimosia. Os colaboradores utilizavam os mesmos argumentos com os quais justificavam a maneira científica de cuidar do corpo infantil – como a conexão infância e nação – e endossavam a atribuição dessa responsabilidade prioritariamente às mães. Acrescentavam contudo ao seu discurso os novos pressupostos da psicologia – referendando-a como matriz explicativa do comportamento humano.¹²⁶

Dessa forma, a partir de meados da década de 1940 começam a aparecer, para além da preocupação com a saúde da população infantil, os esforços dos especialistas brasileiros em divulgar entre as mães informações sobre o

¹²³ SILVA JUNIOR, Nelson Gomes de Sant' Ana; ANDRADE, Ângela Nobre. “É melhor pra você!”: **normatização social da infância e da família no Brasil**. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Niterói, v. 19, n.2, p.423-438, jul-dez. 2007. p. 433

¹²⁴ REIS, José Roberto Franco. *Op.cit.* p. 148-151

¹²⁵ REIS, José Roberto Franco. *Op.cit.* p. 148-151

¹²⁶ FREIRE, Maria Martha de Luna. “**Ser mãe é uma ciência:**”: **mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920**. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.153-171, jun. 2008, p.164-165

desenvolvimento psicológico das crianças. Logo os compêndios de puericultura passaram a dedicar cada vez mais espaço à higiene mental das crianças.¹²⁷

Nessa direção, o médico alagoano Arthur Ramos redigiu em 1939 sua obra de aconselhamento *“A criança-problema: higiene mental na escola primária”* resultado do trabalho de divulgação de preceitos de higiene mental a pais e professores através de palestras radiofônicas. Arthur Ramos foi um importante médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, membro da Liga Brasileira de Higiene Mental e coordenador do Serviço de Higiene Mental da Seção de Ortofrenia e Higiene Mental do Instituto de Pesquisas Educacionais fundado por Anísio Teixeira e instalado em 1934 no Distrito Federal. O objetivo de Ramos era demonstrar que grande parte dos alunos das escolas primárias que eram considerados crianças anormais por suas professoras eram tão somente vítimas de meios familiares inadequados.¹²⁸

Em 1947 foi publicado o livro *“Prepara teu filho para a vida: educação psicológica da criança”*, do médico Odilon de Andrade Filho. Nesse manual, o autor dedica-se exclusivamente ao tema da higiene mental. As orientações são dirigidas à família, pois o autor entende que é no lar em que se formam as bases físicas e psíquicas da individualidade. Inapetência, insônia, ciúme, cólera, medo, teimosia e timidez são temas em que o autor trabalha na obra. Além disso, Odilon Andrade menciona em seu compêndio uma extensa bibliografia de renomados estudiosos da literatura pedagógica e psicológica nacional e internacional de sua época. Entre os brasileiros, Andrade cita Fernandes de Azevedo, Helena Antipoff, Franco da Rocha, além de Arthur Ramos. Entre os estrangeiros, destacam-se Arnold Gesell, com vários títulos, além de Alfred Adler, Alfred Binet, Sigmund Freud, Anna Freud, Jean Piaget, dentre outros. O autor recorre a perspectivas teóricas diversas com o objetivo de compreender e solucionar os problemas de comportamento apresentados pelas crianças.¹²⁹

¹²⁷ LIMA, Ana Laura Godinho. **Recomendações médicas para a educação da criança-problema: um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947.** *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.317-325, jan-mar. 2013. p. 318

¹²⁸ SCHREINER, Alexandre. **Op.cit.** p. 158

¹²⁹ LIMA, Ana Laura Godinho. **Op.cit.** p. 323

No entanto, dentre os manuais de aconselhamento mais famosos, o clássico “*A vida do bebê*” (FIG.3) foi o primeiro a abordar o assunto da psicologia do desenvolvimento, além dos temas tradicionais de puericultura e pediatria. O livro “*A vida do bebê*” foi publicado pela primeira vez em 1941 e é de autoria de Rinaldo de Lamare pediatra nacionalmente conhecido e famoso que faleceu em 2002. “*A vida do bebê*” é o mais famoso manual de puericultura do Brasil, um verdadeiro best-seller, considerado um campeão de vendas desse tipo de publicação até os dias de hoje e encontra-se na 41ª edição.¹³⁰

A partir da década de 1960, livros e revistas especializadas em puericultura passaram a dar cada vez mais importância às relações afetivas entre mães e filhos. “Mães ausentes” ou “Mães superprotetoras” tornam-se termos recorrentes nos textos de especialistas uma vez que o equilíbrio psíquico dos filhos vai ser relacionado com o vínculo entre a mãe e a criança desde muito cedo. Assim, a divulgação dos saberes “psi” entre o público leigo fomentou a cultura da culpa materna tão presente e disseminada na sociedade atual.¹³¹

¹³⁰ MARTINS, Ana Paula Vosne. “**Vamos criar seu filho: os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX.**” *Historia, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 135-154, jan-mar. 2008. p. 52

¹³¹ MARTINS, Ana Paula Vosne. **Op.cit.** p. 52

O presente ideal para todas as mães

A VIDA DO BEBÊ

DR. RINALDO DE LAMARE

• EDIÇÃO ESPECIAL, REVISÃO E AUMENTADA
• 600 PÁGINAS A CORES
• EXAMES ENCADERNADO EM COURVIN
• ILUSTRAÇÃO DISPENSÁVEL EM CADA LAR

O MAIS COMPLETO MANUAL BRASILEIRO DE PEDIATRIA

DISTRIBUIDORES NO BRASIL E PORTUGAL:

BLOCH EDITORES
Rua Frei Caneca, 511-ZC-14 — Rio de Janeiro — GB
Solicite seja enviado pelo reembolso postal o livro
A VIDA DO BEBÊ do Dr. Rinaldo De Lamare.

Nome
Endereço
Cidade Estado
☐ Via Aérea ☐ Porte Simples

A Venda em todas as livrarias ou pelo Reembolso Postal.

NCR\$ 35,00

BRASIL: RIO DE JANEIRO / ESPÍRITO SANTO: Bloch Editores S.A., Rua Frei Caneca, 511-ZC-14, 201-201-15.
CURITIBA: MTA BRASIL: Bloch Editores S.A., Rua 24 de Maio, 35 — 14.º andar —
CURITIBA, PR.
CURITIBA: MTA Organização Sotris de Representações S.A., Av. Borges de Medeiros, 1.000/36,
CURITIBA, PR.
CURITIBA: LUNA LACERDA: Bloch Editores S.A., Av. Marshal Deodoro, 211 — 8.º andar — Curitiba, PR.
CURITIBA: DA VIANE DO NORTE / ALAGOAS: F. Sartore, Rua do Aragão, 104 — Recife, PE.
CURITIBA: Bloch Editores S.A., Rua Benedito Costa, 1 — 8.º andar — Salvador, BA.
CURITIBA: Bloch Editores S.A., Setor Ind. Graficas, lotes 905/975 — Brasília, DF.
CURITIBA: Bloch Editores S.A., Av. Afonso Pena, 1.500 — 16.º andar — Belo Horizonte, MG.
CURITIBA: Rua Claudio de Góes, Praça Arlindo Lino, 80 — 2.º andar — João Pessoa, PB.
CURITIBA: Bloch Editores S.A., Rua Antônio Barreto, 290 — Bndm, PA.
CURITIBA: Centro de Livro Brasileiro Ltda., Rua Rodrigues Sampaio, 30-B — Lisboa, Portugal.

FIGURA 3 – Publicidade. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 3, n.7, mar. 1971

4 PAIS & FILHOS: A REVISTA MENSAL DA FAMÍLIA MODERNA

Durante as décadas de 1960 e 1970 há uma intensa divulgação dos saberes psi em livros e revistas especializadas em puericultura com especial destaque para a psicologia do desenvolvimento infantil. No momento é lançada no mercado editorial brasileiro a revista Pais & Filhos que se apresenta como um dos meios mais mobilizadores e encorajadores de adesão de mulheres à maternidade científica. Nesse sentido, o objetivo do capítulo é compreender a elaboração do discurso psi e as relações estabelecidas com os comportamentos das mulheres mães no cuidado com os filhos. O recorte temporal tem início em 1968, ano da criação da revista, até 1980, já que em fins da década de 1970 outros saberes relacionados à saúde infantil passam a ser veiculados de forma mais intensa e regular na revista.

Pais & Filhos é uma revista mensal voltada para a família que trata de diversos assuntos relacionados à criação dos filhos, desde a gravidez até a adolescência. A publicação é a mais antiga sobre o assunto circulante na atualidade, contando com mais de 45 anos de existência.¹³²

A revista foi publicada pela primeira vez em setembro de 1968 (FIG.4) e dos meios de comunicação impressa que circulam no Brasil, a Pais & Filhos é apontada como um dos meios mais mobilizadores e encorajadores de adesão de mulheres e homens às novas propostas de cuidados com a gestação, planejamento e criação de filhos. Assim, se comparada a uma série considerável de revistas lançadas a cada ano no Brasil, ela desfruta de uma longevidade notável uma vez que uma minoria das revistas consegue completar dez anos após a sua primeira publicação. Além disso, seu pioneirismo e sua história conferiram uma inquestionável popularidade à revista tendo sido alçada como líder de vendas diversas vezes. A tiragem da Pais & Filhos nos primeiros vinte e sete anos girava em torno de 300.000

¹³² ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis modernos na revista Pais & Filhos (1968-1977)**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Dissertação de mestrado. p. 22

exemplares. Essa tiragem foi decrescendo ao longo dos anos 2000. A circulação da revista durante as décadas de 1960 e 1970 se dava por meio de assinaturas e venda em bancas. Nesses 45 anos de existência, houve interrupção da publicação da revista apenas por alguns meses.¹³³

Inicialmente, a Pais & Filhos foi editada pela Editora Bloch no Rio de Janeiro. A editora era de propriedade da família Bloch que iniciou seus negócios com uma gráfica em seu país de origem – a Ucrânia. Em 1922, a família mudou-se para o Brasil, em decorrência das dificuldades vivenciadas após a revolução russa. No Brasil os Bloch reabriram sua gráfica comandada pelo patriarca Joseph, com a ajuda de seus três filhos: Bóris, Arnaldo e Adolpho. Posteriormente, os irmãos assumiram os negócios da família e em 1952 se lançaram no mercado editorial brasileiro através da publicação da revista *Manchete*, publicação semanal que se tornaria a mais importante publicação da editora durante toda a sua existência. Com o falecimento de Bóris e depois de Arnaldo no final da década de 1950, Adolpho assumiu o comando da empresa. Vários de seus familiares também se inseriram na editora, entre eles o sobrinho Pedro Jack – idealizador da Pais & Filhos.¹³⁴

Em 1983 as empresas Bloch lançaram a Rede Manchete de Televisão e o setor editorial acabou relegado ao segundo plano. A TV entrou em grande crise financeira, que arrastou consigo a editora. Em 1998 a empresa se encontrava em uma situação econômica delicada com grandes dívidas, inclusive trabalhistas. Em 1999 pediu concordata, o que culminaria com a falência um ano depois, por não conseguir pagar a primeira parcela da dívida. No final de 2000, um grupo de ex-funcionários ganhou na justiça o direito de publicar alguns títulos da editora, incluindo Pais & Filhos, por meio da empresa Massa Falida Bloch Editores S/A. Entretanto, no final de 2002 os títulos da editora falida foram leiloados. Marcos Dvoskin, ex-diretor geral da Editora Globo comprou-os e publicou o número 400 da Pais & Filhos em julho de 2003 através do selo Manchete Editora, que continua a publicação até a atualidade.¹³⁵

¹³³ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado. p. 22-40

¹³⁴ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.22-23

¹³⁵ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.18-19

Em relação ao perfil dos leitores, conforme uma pesquisa realizada no ano de 2004, divulgada pelo departamento comercial da revista, Pais & Filhos é lida por aproximadamente 772.560 leitores¹³⁶ distribuídos na faixa etária entre 20 e 49 anos, sendo 82% do sexo feminino e 18% do sexo masculino. Seu público leitor, portanto, é composto majoritariamente por mulheres adultas provenientes das classes média e alta, escolarizadas e com renda própria.¹³⁷

Não obstante, a Pais & Filhos não pode ser enquadrada na categoria de imprensa feminina, pois é uma revista direcionada à família. No entanto, apesar de predominarem as matérias sobre criação dos filhos que teoricamente interessam tanto às mães quanto aos pais e a maioria das matérias apresentarem a expressão “pais” de uma forma genérica, o discurso é voltado, sobretudo para as mulheres, especialmente esposas, mães e grávidas.¹³⁸

Em todo o período analisado são encontrados diversos artigos sobre beleza, moda e ginástica que trazem a figura da mulher como referência. Algumas seções são claramente dirigidas às mulheres, como a coluna “Libertação da Mulher” redigida por Heloneida Studart - romancista, jornalista e representante brasileira do movimento de libertação da mulher – que marca presença na revista nos anos de 1972 e 1973. A maior parte das imagens presente nas matérias e publicidade apresenta as mulheres assumindo o papel central no cuidado com os filhos. A figura do pai aparece nos editoriais geralmente nos meses de julho, como uma homenagem ao dia dos pais que se comemora no mês seguinte. Considerando as seções de cartas enviadas por leitores, fica evidente a maior participação das mulheres. Com efeito, a representação predominante na revista é a da mulher como esposa, mãe (ou futura mãe, no caso da gestante) e responsável pelo lar e cuidados dos filhos.¹³⁹

A Pais & Filhos surge com a proposta de ser uma alternativa moderna de orientação às famílias, trazendo o slogan “A revista mensal da família moderna” estampado na capa desde sua primeira publicação até o final de 1972. A

¹³⁶ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.16

¹³⁷ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.22-40

¹³⁸ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.23

¹³⁹ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.32-33

caracterização da publicação como moderna está relacionada à exaltação da ciência e das inovações tecnológicas aplicadas na criação dos filhos.¹⁴⁰

Dessa forma, a revista enfatiza o conhecimento dos especialistas e a narrativa da maternidade científica é apresentada como a que tem mais autoridade e legitimidade. A Pais & Filhos parte da premissa de que as mães necessitam de ajuda e sugere como regra principal que elas sigam as orientações dos especialistas, só conhecer as experiências das outras mães não é suficiente. O conhecimento das parteiras e das avós (FIG.5), na revista, é desvalorizado por ser considerado antiquado e inadequado:¹⁴¹

“A avó é sempre mais perigosa que o avô, mesmo que os dois não trabalhem fora e fiquem em casa o dia inteiro. O avô já foi pai e só opina em questões essenciais. A avó, que lidou com a casa e os filhos, faz questão de transmitir ou impor à filha ou à nora uma bagagem de experiências que nem sempre são adequadas.”¹⁴²

Portanto, a presença dos especialistas é importante dentro do contexto da revista já que todos os artigos levam a assinatura de três tipos de profissionais - redatores, fotógrafos e consultores científicos¹⁴³ (FIG.6) investidos de autoridade para proferir “verdades” conferindo à Pais & Filhos poderes quase que incontestáveis, como mostra a resposta da redação à carta de uma leitora que tece críticas à revista:¹⁴⁴

“A revista Pais & Filhos, que se dirige a milhares de famílias – e, portanto a milhares de padrões – considera ser mais acertado seguir aqueles que são ditados por pessoas capacitadas, especializadas, cientes dos mais modernos métodos e teorias a respeito do desenvolvimento infantil. A censura da leitora se dirige então a uma equipe de médicos, psicólogos, pedagogos e religiosos, muitos dos quais de capacidade reconhecida internacionalmente, com cujos conhecimentos nós temos a grande honra de poder contar.”¹⁴⁵

¹⁴⁰ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.23

¹⁴¹ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.41

¹⁴² MUNERATTO, Eunice. **Porque os netos adoram os avós. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano 1, n.2, p.79-81, out.1968

¹⁴³ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.54

¹⁴⁴ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.42

¹⁴⁵ **Cartas. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano 1, n.12, p.66-67, ago.1969

Dessa forma, os especialistas da revista constituem-se como uma elite simbólica, no sentido em que são considerados aqueles que numa determinada área do conhecimento mais tem a dizer¹⁴⁶, traduzindo e explicando para o público leigo uma série de saberes científicos e técnicas direcionadas para o bem estar da gestação e educação dos filhos.¹⁴⁷ Esse posicionamento é justificado sob o argumento de que a criança – principal objeto da revista – é o futuro da sociedade. Cuidar da criança é cuidar acima de tudo de uma garantia de futuro e de continuidade do mundo.¹⁴⁸

Nos primeiros cinco anos de publicação, as matérias sobre medicina e psicologia eram proeminentes, o que é ratificado pela maior participação de médicos e psicólogos como consultores da revista, respondendo de forma quase absoluta pelo processo de condução da criação de filhos. A partir de meados da década de 1970, a revista promove e divulga outros saberes de maneira mais intensa e regular que emergem gradativamente, ou seja, uma rede mais ampla de novos saberes físicos, estéticos, odontológicos, nutricionais e cosméticos, como também uma série de produtos e serviços que passam a ser destacados como importantes para o bom desenvolvimento da criança. Assim, a revista veicula a idéia de que quanto mais cuidados as mães assumirem em relação a seus filhos mais valor vão agregar para o crescimento da criança.¹⁴⁹

Esta promoção de outros saberes está em conformidade com o conceito de saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS)¹⁵⁰ reconhecido como direito universal e definindo como um estado completo de bem-estar físico, mental e

¹⁴⁶ VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado. p.94-97

¹⁴⁷ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p. 22-40

¹⁴⁸ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.49

¹⁴⁹ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.22-41

¹⁵⁰ Em 1978, a Conferência Internacional Sobre Atenção Primária, realizada na cidade de Alma-Ata, reiterou a saúde definida como um estado completo de bem-estar físico, mental e social – como um direito fundamental do homem, sendo sua obtenção um importante objetivo social a ser perseguido por todos os setores da comunidade. Dessa forma, englobou a participação de todos os setores e campos de atividades ligadas ao desenvolvimento de um país, através de esforços coordenados, para a organização de serviços de prevenção, tratamento e reabilitação dos principais problemas de saúde da comunidade. Nesses termos, a Declaração de Alma-Ata, subscrita pela Assembléia Mundial de Saúde e pela Assembléia Geral das Nações Unidas fomentou a inclusão de profissionais de áreas não-médicas e de membros da comunidade para que, com o devido treinamento social e técnico, atuassem com os profissionais da área médica na abordagem dos problemas de saúde. In: MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos. Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. p. 53

social.¹⁵¹ Este conceito de saúde tem como referência um modelo de saúde integral a ser alcançado cujas características holísticas servem como padrão para definir a saúde de uma pessoa. Entretanto, a noção holística de saúde exige de acordo com a OMS um ideal dificilmente atingível, caracterizando, dessa forma a saúde como uma utopia do organismo perfeito.¹⁵²

As determinações da revista não se apresentam de maneira imperativa como o tom autoritário dos primeiros manuais de puericultura. A revista impõe suas verdades pela proximidade com seu público e os conselhos devem ser seguidos em razão das motivações e das condições pessoais, demonstrado em trecho da resposta da redação da Pais & Filhos à carta de uma leitora:¹⁵³

“Estamos de acordo com a leitora de que toda instrução – e não apenas a informação sexual – deve ser feita gradativamente, dentro de limites condicionados pelo amadurecimento psicológico e social da criança. A dificuldade está em estabelecer esses limites. Cada família toma por base seus próprios padrões – intelectuais, morais ou religiosos.”¹⁵⁴

¹⁵¹ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.22-41

¹⁵² ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.92

¹⁵³ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p. 22-41

¹⁵⁴ **Cartas. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano 1, n.12, p.66-67, ago.1969



FIGURA 4 – Capa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n.1, set. 1968



FIGURA 5 – Capa. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 4, n.2, out. 1971

CONSELHO CIENTÍFICO

Obstetrícia e Ginecologia: DR. JORGE DE REZENDE, catedrático de Clínica Obstétrica e diretor do Instituto da Maternidade da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; professor titular de Obstetrícia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e Chefe da 33.^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Pediatria — DR. RINALDO DE LAMARE, diretor do Departamento Nacional de Criança.

Psicologia — DR. CARLOS PAES DE BARROS, psicólogo e psiquiatra, professor de Psicologia da PUC - GB, diretor de Pesquisa do Instituto de Medicina Psicológica da Guanabara.

Clínica Geral — DR. JAYME LANDMAN, catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Ciências Médicas da UEG, diretor do Hospital das Clínicas da FMCUEG e vice-diretor da FAMUEG.

Neurologia — DR. ABRAHÃO AKERMAN, chefe do Serviço de Neurologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Teologia — Frei PEDRO SECONDI, doutor em Teologia pela Faculdade de Saint Maximin, bacharel em Letras pela Universidade de Nancy, França, e professor de Filosofia da PUC - GB — Frei FRANCISCO AUGUSTO FARMIL CATÃO, doutor em Teologia pela Universidade de Estresburgo, França; provincial dos Dominicanos da Província Brasileira; ex-professor de Lógica e Textos de Filosofia Antiga e Medieval e de Teologia Dogmática, na Escola Dominicana de Teologia de São Paulo, e de Cultura Religiosa, na FFCL de São Bento — São Paulo.

Cirurgia Plástica — DR. IVO PITANGUY, professor de Cirurgia Plástica da Pontifícia Universidade Católica - GB e Chefe da 38.^a Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Pedagogia — ESTER OZON-MONFORT, professora de Psicologia Educacional do Curso de Formação de Professores de Ensino Normal (CFPEN), da Secretaria de Educação da GB; professora de Filosofia do Colégio Pedro II da GB. Curso de Supervisão e Planejamento de Ensino Médio no S. Diego State College, da Califórnia — JACYRA CALAZANS CAMPOS, diretora da Escola de Demonstração, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais Prof. Queiroz Filho (MEC-INEP), São Paulo.

Psiquiatria — DR. JURANDYR MANFREDINI, professor-adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ; diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais; assistente de Medicina Legal da Faculdade de Direito da UEG; psiquiatra chefe da seção psiquiátrica da Casa de Saúde Dr. Elras; professor de Psiquiatria do Curso de Saúde Mental da Escola Nacional de Saúde Pública.

CONSULTORES PRINCIPAIS

Reprodução Humana: DR. JEAN-CLAUDE NAHOUM, docente de Ginecologia da Faculdade de Medicina da UFRJ; docente de Obstetrícia da Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

Pediatria: DR. HÉLIO DE MARTINO, professor-adjunto de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, e diretor do Instituto Fernandes Figueira. — DR. PAULO ROSA, médico do Hospital do Servidor do Estado. — DR. JAYME VAISMAN, professor-adjunto do Departamento de Pediatria e Puericultura da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho.

Neuropediatria: DR. ELIASZ ENGELHARDT, neurologista do Hospital Infantil Jesus da Guanabara e chefe de clínica do Serviço de Neurologia da Santa Casa Estadual do Rio.

Endocrinologia: DR. JOSÉ SCHERMANN, professor-adjunto e livre-docente de Clínica médica da UFRJ; professor da Escola de Pós-Graduação Carlos Chagas, Laboratório de Hormônios; DR. ERICSSON LINHARES, professor-adjunto da Faculdade de Medicina da UFRJ; chefe do laboratório de Hormônios do Instituto de Endocrinologia da Santa Casa (serviço do prof. Clementino Fraga Filho).

Tisiologia e Pneumologia: DR. EDMUNDO BLUNDI, professor de Doenças Pulmonares da Escola Médica de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; do Departamento de Doenças do Tórax da Policlínica Geral do Rio de Janeiro.

Cancerologia: DR. MOACIR SANTOS SILVA, membro titular da Academia Nacional de Medicina e chefe do Departamento de Medicina do Instituto Nacional do Câncer.

Foniatría: DR. PEDRO BLOCH, da diretoria da Associação Internacional de Foniatría (IALP).

FIGURA 6 – Lista de consultores. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n.1, set. 1968

4.1 O DISCURSO PSI NA PAIS & FILHOS

As décadas de 1960 e 1970 evidenciam um aumento de poder, uma maior confiança nos especialistas em psicologia e higiene mental quando o assunto é educação dos filhos.¹⁵⁵ No período, há uma intensa divulgação na mídia brasileira dos conhecimentos advindos da psicologia, principalmente da psicanálise, incidindo em uma cultura psicanalítica, conforme afirma Sérvulo Figueira¹⁵⁶. Entende-se por cultura psicanalítica o efeito da difusão da psicologia e da psicanálise na sociedade, de forma que o cotidiano de um grupo passe a ser compreendido e tematizado por suas normas.

Assim, conforme o contexto da época, a psicologia¹⁵⁷ é amplamente divulgada na Pais & Filhos, marcando presença na revista através de diferentes matérias: comportamento, desenvolvimento humano, deficiências mentais e sexualidade. Em relação às matérias sobre comportamento, até o final da década de 1970, elas tratam muito dos adolescentes, sendo bastante comuns assuntos sobre timidez, virgindade, namoro, dentre outros. A Pais & Filhos apresenta a adolescência como uma fase da vida associada a muitas transformações e, conseqüentemente, suscita muitas preocupações em relação ao comportamento dos jovens.¹⁵⁸

Mais relacionados à infância aparecem os temas mais diversificados, desde a prática da psicologia com crianças, a forma de educá-las e de lidar com elas em situações difíceis como a separação do casal ou o nascimento de um irmão. Os testes baseados em conhecimentos da psicologia também estão presentes na revista. Pais & Filhos publica vários testes de desenvolvimento para os pais realizarem com seus filhos. O comportamento atual da criança permite prever qual

¹⁵⁵ A lei nº 4.199 de 27/08/1962 legalizou a profissão de terapeuta psicólogo no Brasil. Após a legalização, houve um estrondoso aumento na procura por cursos de formação em psicologia, assim como por instituições de formação de psicanalistas ou terapeutas de orientação analítica. Além disso, o advento do paradigma biopsicossocial de saúde, preconizando um novo tipo de intervenção através de equipes multiprofissionais, levou um grande número de psicólogos à atuação em unidades básicas de saúde, ambulatorios e hospitais gerais, ampliando intervenções antes dirigidas somente às instituições psiquiátricas. In: MOURA, Solange Maria S. R.; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos. Psicologia, Ciência e Profissão.** São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. p. 53

¹⁵⁶ FIGUEIRA, Sérvulo. **Cultura da Psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1985

¹⁵⁷ Englobam as áreas da Psicologia, Psiquiatria, Psicanálise, Psicoterapia, Terapia e Psicopedagogia

¹⁵⁸ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.39

será sua personalidade no futuro. Esses testes se constituem como exemplo de conhecimento vulgarizado, ou seja, como os saberes especializados são apropriados pelo senso comum de uma forma menos elaborada.¹⁵⁹

Dessa forma, matérias sobre desenvolvimento são bastante freqüentes na *Pais & Filhos*. Vários artigos sobre o comportamento – motor, social, psíquico – esperado para cada idade são publicados ao longo de todo o período analisado. Descrições mês a mês da gravidez ou do primeiro ano do bebê são muito comuns. Assim, os tempos da vida se configuram na revista bem demarcados e portadores de características específicas. Matérias inteiras sobre tempos particulares são habituais. Em toda a revista predomina o discurso a respeito da criança associada a etapas do desenvolvimento, a própria revista em suas primeiras edições (até início de 1970), após listar as matérias no sumário traz um pequeno guia com uma divisão dos estágios do desenvolvimento pelos quais a criança percorre:¹⁶⁰

“Se espera um bebê, leia página 66; se tem um bebê, págs. 4,18,20,115. Se o seu filho tem menos de 6 anos, págs. 12,18,28,I a VIII, 80, 104, 110, 115. Se o seu filho tem entre 6 e 10 anos, págs. 12,18,36,100,104,115. Se o seu filho tem mais de 10 anos, Págs. 12,24,36,59,100,104,115.”¹⁶¹

Sobre deficiências são poucos os artigos publicados pela *Pais & Filhos*. Comumente aparecem matérias sobre crianças “excepcionais”, portadoras de síndrome de Down, de autismo ou deficiências físicas. Elas trazem explicações sobre a deficiência e algumas vezes apresentam o trabalho de pessoas – como Helena Antipoff– e de instituições – como “Associação de Assistência à Criança Defeituosa” – envolvidas com o assunto, assim como trazem relatos dos familiares dessas crianças.¹⁶²

A sexualidade infantil é um tema bastante recorrente nas páginas da revista. As matérias tratam predominantemente da questão da nudez e da curiosidade com o sexo oposto e levantam questões a respeito da nudez das crianças e dos pais nas frentes dos filhos. Outros temas também são tratados como a masturbação,

¹⁵⁹ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.40

¹⁶⁰ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.40

¹⁶¹ **Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano 1, n.1, p.3, set.1968

¹⁶² ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.41

homossexualidade e a própria sexualidade de uma maneira geral, apresentando pontos como a compreensão e a reação dos pais diante do assunto. A própria revista traz diversas fotos de crianças nuas, principalmente nessas matérias e nas capas. A tendência geral parece considerar essas questões como naturais chamando a atenção dos pais sobre o assunto com o argumento de que a falta de cuidado com essas questões podem trazer sérios prejuízos para o desenvolvimento emocional das crianças.¹⁶³

No período analisado também é comum a publicação de artigos sobre a sexualidade do casal. Esses encartes são publicados já no ano de 1969. Sobre o relacionamento do casal, outros temas são bastante freqüentes, como casamento, divórcio, terapias de casal, fidelidade, dentre outros.¹⁶⁴

A educação escolar é um assunto presente na publicação, apesar de ser minoritário em relação aos demais e não ter grande destaque. Questões como a participação dos pais nos estudos dos filhos, a alfabetização, os diferentes métodos e concepções de ensino, os problemas e dificuldades das crianças em relação à escola, as creches, a reprovação, a entrada na escola ou a transferência para outra, estão na pauta da revista. Além disso, alguns cadernos especiais de volta às aulas e matérias sobre especialistas como Maria Montessori e Jean Piaget.¹⁶⁵

¹⁶³ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.42

¹⁶⁴ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.45-46

¹⁶⁵ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.47

4.2 “RESPEITANDO O RITMO DA CRIANÇA”: A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

A psicologia do desenvolvimento trata dos saberes relacionados ao desenvolvimento humano no âmbito da psicologia e está associado à classificação e mensuração das condutas, atendendo a necessidade de organização das crianças dentro do sistema escolar que se tornava obrigatório em decorrência da expansão dos modernos sistemas de ensino de massa durante o século XIX na Europa. A psicologia do desenvolvimento se deteve na infância para delimitar fases ainda mais específicas. A infância é dividida e não se apresenta mais como uma idade homogênea. Essa especialização é um prolongamento do que Ariès chama de moderno sentimento de infância que substitui um estado no qual a infância nem mesmo se configurava como idade distinta da adulta.¹⁶⁶

As teorias do desenvolvimento operam com uma concepção mecânica de tempo, fragmentando a vida do sujeito em etapas. A infância entendida como um tempo de desenvolvimento passa a significar uma etapa de preparação e os corpos das crianças devem adquirir competências, habilidades, forças, dentre outras características rumo ao objetivo final: o adulto. O desenvolvimento infantil assume, portanto, o sentido de previsibilidade, os desempenhos e as características das crianças passam a ter uma ordem ancorada em paradigmas biológicos e evolucionistas, na medida em que a maturação do corpo é um pré-requisito para o desenvolvimento de outros aspectos, sejam psicológicos, motores ou sociais.¹⁶⁷

Vários artigos da Pais & Filhos trazem essa visão maturacionista do desenvolvimento infantil, visível na divulgação das diferentes etapas do desenvolvimento da criança, apresentadas conforme uma matriz cronológica, ou seja, associando a cada idade um conjunto de competências específicas.¹⁶⁸ Assim, em cada período de tempo ou estágio são esperados determinados comportamentos das crianças e são criadas expectativas em relação a eles. Na revista, isso se expressa principalmente a partir das famosas tabelas de desenvolvimento (FIG.7),

¹⁶⁶ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.51

¹⁶⁷ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.106-110

¹⁶⁸ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.230-231

que descrevem os diversos aspectos do desenvolvimento (motores, psicológicos, sociais) ao longo do tempo.¹⁶⁹

Assim, baseado no conceito biológico de períodos sensíveis, determinação genética e, sobretudo, na crença de que o desenvolvimento da criança se processa através da progressão natural entre um conjunto de estágios¹⁷⁰, os consultores aconselham que os pais apenas acompanhem o ritmo do desenvolvimento da criança sendo considerada ineficaz qualquer tipo de intervenção:

“De nada adianta pretender que a criança adquira uma experiência inerente a uma etapa do seu desenvolvimento psicosssexual, antes que ela tenha atingido esta etapa. Isto significa que a criança é uma organização em marcha, que se especializa através do tempo, desenvolvendo gradativamente formas adequadas de sobrevivência. Seu crescimento psicológico, como o físico, é geneticamente determinado, e cada etapa conquistada a seu tempo.”¹⁷¹

Assim, qualquer tentativa por parte dos pais em forçar a criança para a precocidade é amplamente condenada pelos especialistas já que pode acarretar prejuízos em seu desenvolvimento futuro:

“É errado querer adiantar o seu desenvolvimento, tanto motor quanto psíquico. Existe um tempo para ela engatinhar e outro para andar. Se forçada a fazer alguma coisa antes do tempo certo e não for bem sucedida, poderá ficar inibida e seu ajustamento sofrer atraso. A criança como o adolescente, deve aprender a acertar sozinha. Com a idade e conseqüente maturidade, aos poucos ela compreenderá o que querem dela. Forçada ou freada em seus atos, isso só poderá reverter em desajustamento à vida social, que será muito importante para o seu futuro de adolescente.”¹⁷²

¹⁶⁹ ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Op.cit.** p.105

¹⁷⁰ VILHENA, Carla. **Op.cit.** p.230-231

¹⁷¹ SILVA, Laís Gama. **O trono do reizinho. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.1, n.5, p. 14-17, jan. 1969

¹⁷² MUNERATO, Elice. **A timidez que ataca os jovens. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, ano.1, n.12, p.72-76, ago. 1969

Apesar da existência de etapas específicas de desenvolvimento que todas as crianças devem percorrer, cada criança é encarada como um ser único, com um ritmo de desenvolvimento próprio, com uma personalidade que a distingue de todas as outras. A estas particularidades devem os pais estar atentos, de forma a poderem avaliar melhor o nível de desenvolvimento dos seus filhos. Portanto são várias as críticas, às comparações, realizadas pelos pais, entre o desenvolvimento do seu filho e o das outras crianças. Em vez de comparar a criança, os pais são incitados a estudá-la, a observá-la diariamente, pois só desta forma poderão auxiliar o seu desenvolvimento:

“Algumas crianças mostram com exagero seus aborrecimentos, gritam, esperneiam, põem a casa em polvorosa; outras são mais reservadas e preferem demonstrar sua mágoa, os olhos baixos e tristes. Por isso o segredo da personalidade da sua criança precisa ser descoberto por você mesma. Nós lhe podemos dizer o que ela tem em comum com todas as crianças de dois anos. Observe bem o seu filho, saiba que ele gosta e o que faz sofrer, se é extrovertido ou tímido, zangado demais ou exageradamente manso.”¹⁷³

Embora, os autores da revista salientem a especificidade do desenvolvimento de cada criança, a normalidade do desenvolvimento dos seus filhos parece uma questão que suscita preocupações nas mães:

“Minha única filha, de dois anos e meio, é muito apegada a mim. Se carrego outra criança no colo, ela fica enciumada e tenta agredi-la. Estou preocupada desde já, querendo saber se ela aceitará ou não a escola. Além disso, ela toma mamadeira até hoje. Seu procedimento é normal?” (Jussara F., Campo Limpo, Paulista, Sp)¹⁷⁴

Dessa maneira, a divulgação das diferentes etapas do desenvolvimento pelas quais a criança atravessa difunde a noção de criança normal que se constitui, de acordo com Vilhena¹⁷⁵, em uma fonte de ansiedade para as mães, documentada nas cartas que escrevem para a Pais & Filhos indagando sobre a normalidade, ou não, do desenvolvimento dos seus filhos. É precisamente sobre estas ansiedades que os

¹⁷³ Os dois anos. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.2, n.2, p. 4-12, out. 1969

¹⁷⁴ Pais & Filhos ecrevem. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.5, n.11, p.98, jul.1973

¹⁷⁵ VILHENA, Carla. *Op. cit.* p.231-232

especialistas vão atuar, indicando às mães os procedimentos para garantir que o seu filho se enquadre na categoria de criança normal.¹⁷⁶

Assim, os pais devem compreender que a criança possui um conjunto de características e necessidades naturais, determinadas pela sua condição biológica. Uma das necessidades mais prementes da criança é a de se movimentar, de se ocupar. Esta necessidade vai ser satisfeita pela própria criança, de uma forma natural, através da atividade lúdica.

Segundo os especialistas, a atividade lúdica é essencial para a criança pois o brincar proporciona a oportunidade de desenvolver a imaginação, a inteligência, a personalidade e as competências sociais adequadas para a vida adulta. O tempo que as crianças passam a brincar deve ser entendido pelos pais não como um tempo perdido, mas sim como um momento em que a criança, graças a sua atividade espontânea, realiza um conjunto de importantes atividades. É assim freqüentemente realçada a necessidade dos pais respeitarem a atividade espontânea da criança não a interrompendo nem contrariando a sua realização:

“Se os pais se orientam pelos interesses dos filhos, perceberão que é através de uma atividade mais livre do jogo e brinquedo que ele se desenvolve, descobre o seu papel, experimenta seus limites e possibilidades, forma um conceito mais real de si mesmo, aprende a se relacionar com o mundo. É, portanto, uma prova de amor respeitar a atividade lúdica da criança, pois é através dela (e não através de sermões e explicações) que a criança aprende a distinguir seus desejos da realidade, ou a ter iniciativa e autonomia. Deixando que a criança escolha seus amigos, brinquedos, local e hora de usá-los, permitirá que ela resolva muitos conflitos com o ambiente e consigo mesma.”¹⁷⁷

Desse modo, a atividade lúdica constitui um elemento essencial da vida da criança que os pais devem favorecer, criando condições para que a criança a possa realizar. Além disso, a brincadeira possibilita uma oportunidade de avaliar a

¹⁷⁶ VILHENA, Carla. **Op. cit.** p. 231-232

¹⁷⁷ LERNER, Léa. **Seu filho sabe que você o ama? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.1, n.1, p. 12-16, set. 1968

personalidade e condutas da criança já que “a criança projeta nos brinquedos seus impulsos e fantasias inconscientes.”¹⁷⁸

A capacidade de imitação, a imaginação e a curiosidade são outras características destacadas pela revista como naturais e universais da infância. Assim, os especialistas recomendam que os pais devem estar sempre disponíveis para responder as questões que a criança coloca fruto da sua natural curiosidade acerca do mundo e daquilo que a cerca. Os pais não devem ignorar as questões colocadas pela criança, mas sim respondê-las levando em conta o seu nível de desenvolvimento, sendo aconselhados a fazerem de maneira “simples, exata e honesta sem despejar sob a criança informações enciclopédicas.”¹⁷⁹

Para desenvolver ao máximo as suas potencialidades e formar a sua personalidade, a criança necessita da qualidade do ambiente familiar em que vive e precisa se sentir amada, confiante e segura, elementos essenciais para sua integridade psíquica. Contudo, para que a criança desenvolva esse sentimento de segurança é necessário assegurar que o ambiente familiar tenha as características adequadas para o seu desenvolvimento. Esse sentimento de segurança é garantido pela qualidade do relacionamento conjugal, dessa forma, o discurso produzido na *Pais & Filhos* dá particular atenção a separação do casal percebido como um evento ameaçador para o bem-estar da criança. Assim, caso a separação do casal se concretize, os especialistas afirmam que a criança mantenha contato com os dois progenitores. Os estudos sobre o impacto psicológico que este acontecimento poderá ter na vida da criança são freqüentemente mencionados, embora também haja manifestações de opinião contrária, salientando que tudo dependerá como os pais lidam com a situação, em especial as mães já que geralmente são elas as responsáveis pela guarda dos filhos.¹⁸⁰

Aspecto particular do desenvolvimento geral, o desenvolvimento emocional está na base da formação da personalidade¹⁸¹. Os pais devem compreender como este se processa para prevenir futuros problemas emocionais nos seus filhos. É

¹⁷⁸ MAZZOLENIS, Sheila. **Brincar revela a criança.** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 1, n. 2, p. 100-102, out. 1968

¹⁷⁹ PINHEIRO, André. **A idade das perguntas.** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.1, n.1, p. 81-84, set. 1968

¹⁸⁰ LISBOA, Maria Alice. **Quando a separação é a saída.** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.1, n.2, p. 46-50, out. 1968

¹⁸¹ VILHENA, Carla. **Op. cit.** p.244-247

notória, na Pais & Filhos, a influência da teoria psicanalítica na forma como o desenvolvimento emocional é entendido, visível nas referências ao papel dos conflitos no desenvolvimento emocional da criança, assim como na percepção da infância como o período de vida mais importante para a saúde mental do indivíduo. No que diz respeito aos conflitos ou crises próprias da infância, os consultores citam o complexo de Édipo e as crises de ciúme provocadas pelo nascimento de um irmão. Os pais são informados sobre as suas características, as formas que podem assumir e, mais importante, de como podem proceder para evitar os efeitos provocados pela sua ocorrência.

O ciúme é considerado um sentimento próprio da infância. Uma das fontes desencadeadoras do ciúme infantil e perturbação do desenvolvimento emocional é o nascimento de um irmão. Embora considerado natural, os consultores da Pais & Filhos acreditam que este é um sentimento evitável através da adequada preparação da criança para este acontecimento. À mãe compete garantir que entre os filhos se estabeleça uma relação harmoniosa e, sobretudo, que o nascimento do irmão mais novo não contribua para o desequilíbrio emocional do filho mais velho. Os pais devem assegurar que os cuidados com o irmão mais novo “não requeiem em segundo plano a afeição pelo filho mais velho.”¹⁸²

Outro aspecto relativo ao desenvolvimento emocional é a necessidade da realização de uma educação positiva, essencial para a promoção de sentimentos de autoestima entendida como índice de saúde mental¹⁸³ que ajudarão a criança a lograr sucesso no futuro.

Dada a sua importância, os consultores da revista aconselham que os pais devem cotidianamente estimular a autoestima dos filhos. Para tal os pais devem dar a certeza do amor que sentem pelos filhos através de reconhecimento e elogios:

“Parece fácil demonstrar amor e talvez você julgue que esse sentimento nasce e cresce espontaneamente. Mas até o adulto maduro encontra num elogio, numa atenção, a satisfação de confirmar que é amado. A criança é censurada freqüentemente, obrigada a fazer o que não quer, impedida de fazer o que quer, tendo de comer mesmo sem ter fome e dormir quando quer ver televisão,

¹⁸² SOARES, Shirley. **Chegou o irmãozinho.** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.1, n.12, p. 26-29, ago.1969

¹⁸³ VILHENA, Carla. **Op. cit.** p. 77

tomar banho quando quer brincar e brincar quando quer ouvir a conversa de adultos, precisa mais ainda dessa confirmação.”¹⁸⁴

Os pais devem evitar a crítica e a censura, assim como as comparações com outras crianças, valorizar mais os aspectos positivos do que os negativos, no que diz respeito ao comportamento da criança e aprender a ouvir os filhos, valorizando as suas idéias e os seus sentimentos:

“Não existe amor sem diálogo. E este só é possível quando cada um tem liberdade de se expressar livremente. A mãe que ouve com paciência está manifestando mais afeto do que responde com longas declarações de amor.”¹⁸⁵

Embora na base da educação da criança esteja a satisfação das suas necessidades, esta deve ser educada de modo a compreender que, na vida em sociedade, tal nem sempre é possível, nem desejável. Assim, a revista enfatiza que os pais devem procurar dar à criança uma sensação de amor e segurança, respeitando seus impulsos naturais, mas ao mesmo tempo devem começar a orientá-la e a fazer-lhe restrições e prepará-las para o futuro. Com o objetivo de auxiliar os pais, a revista divulga os princípios que devem reger a disciplinarização da criança juntamente com a referência aos principais erros educativos, comportamentos estes que os pais são incitados a modificar.

Os pais erram ora por se inclinar demasiado para o lado da benevolência e outros tomam a posição extrema em que “a disciplina é praticamente uma arma de ódio e a obediência uma virtude.”¹⁸⁶ Os pais devem disciplinar a criança com afeto que deve se juntar a firmeza. A revista aconselha que os pais reforcem positivamente os bons comportamentos, pois assim as crianças têm tendência a repeti-los, a colocar limites, não devendo, contudo, esperar uma obediência total da criança às regras impostas. Desobedecer e tentar satisfazer os seus desejos são consideradas tendências naturais da criança e os pais devem atuar sobre elas não através da punição, mas sim da sugestão e da persuasão, de forma a desenvolver

¹⁸⁴ LERNER, Léa. **Seu filho sabe que você o ama? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.1, n.1, p. 12-16, set. 1968

¹⁸⁵ LERNER, Léa. **Seu filho sabe que você o ama? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.1, n.1, p. 12-16, set. 1968

¹⁸⁶ RITTER, Vera. **Os pais cruéis. Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.2, n.6, p.46-49, fev.1970

na criança a capacidade de autoregulação de seu comportamento, qualidade essencial para a vida em sociedade. Em suma, a criança deve ser educada sem autoritarismo nem excessos de zelo, atitudes cujas conseqüências nefastas a revista procura destacar.

De acordo com os especialistas, o excesso de autoridade tem como resultado a formação de uma criança “amedrontada que tende a tornar-se excessivamente submissa sem nenhuma iniciativa, propensa a aceitar toda imposição que lhe seja feita venha de onde vier. Sua carga agressiva, sua energia – fundamental para que aprenda a lutar pela vida e atingir seus objetivos – fica praticamente embotada.”¹⁸⁷

A atitude oposta, o excesso de mimo, está, por sua vez, na origem da criação de personalidades fracas: “Satisfazer a todos os desejos, elogiar desproporcionalmente e presentear constantemente é dar aos filhos uma visão deformada da realidade. Qualquer que seja a causa, ao esbarrar com a realidade, esta criança despreparada se mostrará insegura, tímida, incapaz de conquistar ou lutar pelos seus objetivos.”¹⁸⁸

O excesso de mimo e autoritarismo não são os únicos erros cometidos pelos pais. Gritar com as crianças ou puni-las fisicamente são comportamentos que devem evitar sob pena de trazer sérios prejuízos a formação da personalidade dos filhos:

“Bater não justifica o propósito dos pais de educar seus filhos para uma vida equilibrada, principalmente se a obediência for tomada como meio de educação, e não como um fim. A experiência que uma criança ganha com uma surra nada representa de positivo; pode, na melhor das hipóteses, aumentar o ressentimento que nutre pelos pais. Isso se não for sensível a ponto de ficar traumatizada e complexada.”¹⁸⁹

¹⁸⁷ RITTER, Vera. **Os pais cruéis. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.2, n.6, p.46-49, fev.1970

¹⁸⁸ LERNER, Léa. **Seu filho sabe que você o ama? Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.1, n.1, p. 12-16, set. 1968

¹⁸⁹ RITTER, Vera. **Os pais cruéis. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.2, n.6, p.46-49, fev.1970

ÊSTE quadro pode orientar os pais sôbre o desenvolvimento normal de um bebê. Quando tem o primeiro filho a mãe geralmente ignora êstes detalhes; ao ter o segundo, já esqueceu o que havia aprendido. Não há uma tabela rígida para se enquadrar o desenvolvimento da criança: existem sempre diferenças de uma para outra, às vèzes de quase um mês. O primeiro filho, por exemplo, é quase sempre precoce por excesso de cuidados e interêsse dos pais, mas se êle não reagir de acôrdo com a tabela, não quer dizer que esteja retardado. Aliás, não se angustie com dúvidas; tire-as com o médico.


9 meses	10 meses	11 meses	12 meses
Grita sômente quando sente mal-estar; mas também pode exigir a presença dos pais.	Observa pessoas que passam junto ao seu carrinho.	De seu carrinho de passeio observa os carros, ônibus e animais.	Da janela, observa tudo que acontece na rua.
Encaixa duas colheres côncavas, uma na outra; come sôzinho um biscoito.	Sustenta um chocalho nas mãos, com o polegar e o indicador ou o dedo médio.	 Consegue erguer do chão e colocar sôbre a cadeira as peças simples de madeira com que brinca.	Deposita o brinquedo numa cesta e depois vai buscá-lo novamente; conserva firmemente na mão uma bola pequena.
Endireita-se sôzinho na cama e consegue permanecer sentado por mais tempo.	Eleva-se na grade do berço até ficar de pé; arrasta-se e gatinha bastante.	Consegue voltar-se girando, sôbre si mesmo quando está sentado e escuta um barulho que vem detrás.	Arrastando-se, sôbre degraus; anda, pela mão de um adulto; mantém-se sôzinho de pé, por alguns instantes.
Alegra-se quando está na companhia da mãe e outros familiares.	Procura atrair a atenção dos pais sôbre si.	Brinca sôzinho e emite sons como se quisesse falar; reage quando o chamam pelo nome.	 Ri e grita com as crianças e adultos, querendo participar do grupo onde se ri e grita.

FIGURA 7 – Tabela de desenvolvimento. **Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano 1, n.3, nov. 1968

4.2.1 A IMPORTÂNCIA DA FIGURA MATERNA NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

O discurso psi presente na *Pais & Filhos* enfatiza como fundamentais para a saúde mental futura da criança os acontecimentos que ocorrem nos primeiros anos de vida sempre privilegiando o lugar ocupado pela mãe cuja conduta pode desencadear na criança problemas que vão da timidez aos distúrbios psicológicos mais sérios. Dessa forma, é nítida no discurso veiculado na revista a influência da teoria psicanalítica e dos teóricos da vinculação que preconizam a importância da qualidade do relacionamento mãe-criança para a integridade psíquica do indivíduo¹⁹⁰.

“A doença mental se instala realmente no relacionamento da mãe com a criança nos primeiros meses de vida da criança. Nos primeiros três meses de vida a criança praticamente só tem contato com a mãe, e a qualidade deste contato é fundamental no processo da doença mental. Por isso este processo pode ter início desde os primeiros dias de vida.”¹⁹¹

A percepção, portanto, de que esta relação mãe-filho é um dos fatores que maior influência exerce no desenvolvimento emocional da criança tem como consequência a atribuição às mães de uma responsabilidade quase que exclusiva no cuidado com os filhos, tanto mais necessária, quanto mais nova mais nova for a criança. É uma tarefa da qual a mãe não pode eximir-se justificada na revista pela predisposição biológica da mulher em gerar e dar a luz:

“Ao entrar em contato com o mundo cá fora, o bebê sente-se desprotegido diante do desconhecido. Até então, o seu único ponto de referência eram as sensações que teve dentro do ventre materno: noções de equilíbrio, temperatura, palpitações. E por isso a mãe – pessoa que lhe transmitiu tudo isso – é tão necessária nos primeiros dias de vida extra-uterina. E a criança percebe direitinho – pelo cheiro, pelo calor do corpo e as palpitações do coração da mãe – quando outra pessoa substitui sua mãe nesses primeiros contatos. De maneira que qualquer separação vai violentá-lo deixando-o

¹⁹⁰ VILHENA, Carla. **Op. cit.** p. 378

¹⁹¹ LAUFER, Halina. **Existem crianças doentes mentais? *Pais & Filhos***. Rio de Janeiro, Ano.6 , n.12, p.104-108, out. 1973

amedrontado. O ideal é que o recém-nascido fique junto da mãe, atitude que vai gratificá-lo, evitando angústias e medo.”¹⁹²

Dessa maneira, a disponibilidade tanto física quanto emocional da mãe é um dos elementos essenciais para a qualidade dessa relação, assim como as demonstrações de afeto, que devem estar presentes em todos os momentos do cotidiano:

“Se pequeninos, mantenha-os no colo o maior espaço de tempo possível. Não os abandone no berço horas e horas, só para discipliná-los como mandam alguns pediatras mais interessados no conforto das mães do que no equilíbrio psicológico das crianças. O calor da mãe, a presença da mãe são importantes para o bebê desamparado no mundo hostil. Quando ele ficar mais crescidinho, converse com ele. Não o distraia com a televisão. As crianças, os filhotes do homem não foram feitos para dialogar com as máquinas.”¹⁹³

Além do afeto, outro componente importante para a qualidade da relação é a comunicação que se estabelece, ou seja, a capacidade que a mãe tem de compreender os desejos e as necessidades da criança, fundamental para a promoção de sentimentos de segurança e autoconfiança na criança em relação ao mundo que a cerca:

“O relacionamento da criança com o adulto começa, é claro, com a mãe na vida intra-uterina – uma relação predominantemente somática ou orgânica. Depois do nascimento, essa relação continua através da experiência da nutrição. A criança sentirá a mãe (ou a pessoa substituta) como seu provedor externo, senhor de seu destino imediato, de quem receberá alimento em todos os sentidos: leite, agasalho, proteção, carinho. Essa primeira experiência é fundamental para a criança. Desenvolverá, a partir daí, sentimentos de amor e de gratidão, vivendo o mundo externo com algo bom, em resposta ao amor e cuidados da mãe. Ou, por outro lado, o sentirá como mau, como não lhe proporcionando prazer – porque não lhe dá

¹⁹² HELENA, Lúcia. **Berçário ou alojamento? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.6 , n.12, p.104-108, out. 1973

¹⁹³ STUDART, Heloneida. **Nem tão mãe, nem tão máquina. Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.5, n.1, p.90-93, set.1972

carinho e proteção de que necessita – e o encarará com sentimentos hostis.”¹⁹⁴

No entanto, os especialistas alertam para os problemas advindos das mães que se excedem nesses cuidados, as tão referidas mães superprotetoras. A superproteção materna traz sérios prejuízos uma vez que não atende à necessidades de independência da criança. A figura da mãe superprotetora compromete especialmente a formação da personalidade do menino que pode ter a sua masculinidade ameaçada:

“Com poucos meses o bebê já sabe controlar o ambiente em que vive e já sofre a coerção da atuação da mãe superprotetora. Esta percepção influirá mais tarde no seu comportamento tanto no campo afetivo quanto no profissional. O resultado dependerá de sua estrutura psíquica: podendo se acomodar se tornando passivo ou se rebelar contra o tratamento que lhe é dado. O garoto passivo poderá ser feito de bobo pela turma da rua, por apresentar uma atitude constantemente indefesa. Mais tarde provavelmente não terá condições para enfrentar o mundo agressivo. Esta criança poderá apresentar uma série de sintomas de ansiedade, como roer as unhas, fazer pipi na cama até já em plena adolescência, tirar notas ruins no colégio. Como adulto possivelmente encontrará dificuldade em cumprir o papel de marido, pai, e de ganhar dinheiro para a família.”¹⁹⁵

Os consultores da revista dizem que um dos fatores principais para o problema de superproteção materna é o fato de algumas mulheres não trabalharem fora e por isso acabam vivendo em função dos filhos. Assim, verifica-se nas matérias uma tendência em condenar o exercício tradicional da maternidade em que a mulher abdica de sua carreira para se dedicar integralmente à criação e educação dos filhos. Por conseguinte, a *Pais & Filhos* destaca a importância da mulher exercer uma profissão para o benefício da própria criança:

“Quando a mulher tem uma profissão que lhe agrada, compatível com as necessidades da criança, é melhor que trabalhe fora e

¹⁹⁴ LEMOS, Cláudia. **O que significa você para seu filho?** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.4, n.6, p.4-12, fev.1972

¹⁹⁵ FONSECA, Luíza Helena. **Estarei superprotegendo meu filho?** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.1, n.12, p. 54-57, set. 1969

dedique menos tempo ao filho, mas com prazer e dedicação total, segundo opinião de psicólogas brasileiras.”¹⁹⁶

Nas décadas de 1960 e 1970, o Brasil e outros países vivenciavam o contexto da emancipação feminina e a entrada efetiva das mulheres no mercado de trabalho. O movimento feminista denunciava, e com razão, a segregação social e política a que mulheres foram historicamente submetidas. Já não era mais possível pensar o papel materno como o único disponível para as mulheres.¹⁹⁷ Essas transformações sociais vão repercutir nas páginas da revista em diversas matérias que apresentam depoimento de mulheres que conseguem conciliar a carreira com a maternidade e também nos discursos dos especialistas:

“Mas além de educar filhos a mulher está encontrando novos campos de trabalho. Criada hoje com as mesmas ambições do homem, tem atividades diversificadas; não exercê-las, para muitas mulheres, é se sentir frustrada, criando um clima de insatisfação que afeta a criança.”¹⁹⁸

No entanto, apesar dessas transformações e da importância que a revista dá a possibilidade da mulher desempenhar outros papéis, a maternidade ainda permanece como uma experiência obrigatória e ocupa um lugar central na vida das mulheres. A presença crescente das mulheres na esfera pública não correspondeu a uma modificação significativa na esfera privada, assim, mesmo que a mãe trabalhasse fora, ela ainda era percebida no contexto da revista como a principal responsável no cuidado com a casa e filhos. São tarefas femininas por excelência das quais a mulher não pode delegar para não comprometer a saúde mental dos filhos:

“A mulher deve ter direitos iguais ao homem – na legislação, no trabalho, na sociedade – mas não é igual a ele. Ela tem certas

¹⁹⁶ FIGUEIREDO, Wanda. **A creche é necessária? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.4, n.1, p. 76-77, set. 1971

¹⁹⁷ MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos. Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, jul-dez, 2004. p. 52

¹⁹⁸ FIGUEIREDO, Wanda. **A creche é necessária? Pais & Filhos**. Rio de Janeiro, Ano.4, n.1, p. 76-77, set. 1971

funções específicas de que não pode se descartar e uma delas é a maternidade. Mulher nenhuma pode abrir mão do seu útero, ou passar para as mamadeiras a tarefa de amamentar os filhos. São funções femininas que têm de ser naturalmente preservadas para a defesa da saúde mental da criança e do jovem.”¹⁹⁹

Dessa forma, cabe à mulher estabelecer prioridades em sua rotina de mãe-trabalhadora para dar conta do trabalho, da casa e dos filhos. Logo, nas matérias é mencionado o tempo de qualidade, ou seja, o mais importante não é quantidade de horas, mas sim a disponibilidade integral das mães nas poucas horas que passam com os filhos²⁰⁰: “Basta que separe algumas horas do seu dia e que estas sejam compensadoras. Mais valem quatro ou cinco horas de plena convivência com ternura, apoio e comunicação, do que 24 horas de regulamentos, imposições, exigências, castigos e mimos. Fique com os seus filhos o tempo que puder, intensamente.”²⁰¹

Com efeito, verifica-se nas páginas da revista o delineamento da figura da supermãe: “aquela que empurra o carro do bebê com uma mão e carrega a pasta na outra.”²⁰²

Dessa forma, está presente no discurso psi e na revista de um modo geral, uma representação da maternidade na qual as mulheres devem assumir concretamente o processo biológico da gestação, do parto, como também os cuidados posteriores que os filhos requerem, por um período mais ou menos longo da sua existência, ou seja, a maternagem.²⁰³ Badinter²⁰⁴ refere-se ao uso ambíguo da maternidade na cultura, a maternidade remete ao mesmo tempo para um estado momentâneo da gravidez, e também para uma ação a longo prazo, a maternagem, a educação.

¹⁹⁹ STUDART, Heloneida. **Nem tão mãe, nem tão máquina. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.5, n.1, p.90-93, set.1972

²⁰⁰ VILHENA, Carla. **Op. cit.**

²⁰¹ STUDART, Heloneida. **Nem tão mãe, nem tão máquina. Pais & Filhos.** Rio de Janeiro, Ano.5, n.1, p.90-93, set.1972

²⁰² VILHENA, Carla. **Op. cit.** p. 377

²⁰³ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.86

²⁰⁴ BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

Ao mesmo tempo em que se verifica a exacerbação deste movimento que fortalece a responsabilidade da mãe na relação com as crianças é possível delinear também nas páginas da *Pais & Filhos*, em meados da década de 1970, especialmente após a lei do divórcio²⁰⁵, um movimento que estende para o pai a responsabilidade da criação dos filhos. A revista passa a mostrar de muitas formas a necessidade de criação e educação dos filhos como sendo um problema do casal:

“No emprego, tem que ser pontual, eficiente, bem humorada. Em casa, tem as responsabilidades de executar ou supervisionar as tarefas caseiras, cuidar das crianças, dar atenção ao marido. Não é mole trabalhar fora e ser ao mesmo tempo mãe, esposa, amante e dona de casa. Mas fica mais fácil quando o marido reconhece a importância do trabalho no processo de realização pessoal da mulher. E lhe dá o maior apoio, aceitando sua colaboração no orçamento doméstico mas, ao mesmo tempo, compartilhando as tarefas ligadas à casa e às crianças. Numa verdadeira vida a dois.”²⁰⁶

Reportagens e imagens mostram, a partir daí, o quanto os homens também podem se envolver com os filhos. No entanto, o cuidado com os filhos é ainda um dever das mães. Na revista, a paternidade é um acontecimento que se estabelece a partir de um determinado momento da vida do homem, com a experiência que se segue depois de confirmada a gravidez. Já a maternidade aparece como uma experiência de continuidade, de realização de um plano, desde sempre elaborado na história do feminino.²⁰⁷

A *Pais & Filhos*, em muitas passagens, mostra de um modo sutil que a maternidade é uma experiência de continuidade. Parece que as mulheres vão se constituindo mães ao longo de suas trajetórias de vida e a maternidade é um destino inexorável. Dessa forma, os discursos presentes na revista possibilitam que as mulheres sejam apresentadas e descritas como sendo mães por natureza, dotadas de instinto maternal, embora a *Pais & Filhos* invista o tempo todo na educação desta mãe. Assim, os mesmos discursos que reiteram e atualizam os cuidados com os filhos como uma tarefa a ser compartilhada pelo pai, também atuam no sentido de afirmar a maternidade como algo intrínseco às mulheres.

²⁰⁵ Lei nº 6.515 de 26 de dezembro de 1977

²⁰⁶ BARCELLOS, Jalusa. **Quando a mulher também trabalha fora.** *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano.10, n.8, p. 100-103, abr. 1978

²⁰⁷ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Op.cit.* p. 87

Verifica-se, assim, na revista a figura do novo pai como aquele que participa do cotidiano dos filhos. O papel da mãe e do pai na educação e criação das crianças tem estado no centro de diversas discussões dentro do movimento feminista que aponta quão pouco a maioria dos pais faz por suas crianças, especialmente as crianças pequenas. O movimento feminista questionou e questiona, seriamente, o lugar do homem e as hierarquias entre homem e mulher, o modo como o homem relacionava-se consigo, com os filhos e com as mulheres.²⁰⁸ Todo esse questionamento surtiu transformações culturais que aparecem na *Pais & Filhos*. Apesar do pai estar cada vez mais no centro das atenções, isso não significa que esta transformação dê origem a uma maior igualdade entre os gêneros ou a uma maior participação dos pais nas tarefas relacionadas com a prestação de cuidados aos seus filhos. Assumir um papel mais ativo no cotidiano das crianças é ainda considerada uma escolha individual, resultado de uma negociação familiar que não implica na diminuição da importância atribuída à mãe na criação e educação dos filhos.

Isto posto, apesar das profundas mudanças ocorridas no período - a entrada da mulher no mercado de trabalho, a emancipação feminina e a promulgação da lei do divórcio - as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos seguem sendo diferentes para homens e mulheres. Dos homens pais parece que espera mais colaboração e participação, os pais são aliados e as mães as principais responsáveis pela criação e educação das crianças, tarefa que deve realizar com o auxílio dos especialistas em infância se o seu desejo é transformar seu filho em um adulto saudável, equilibrado e feliz. (FIG.8)

²⁰⁸ SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Op.cit.** p.89

**ESTENDA
SUA MÃO A**

Pais & Filhos
A revista mensal da família moderna

Pais & Filhos
orienta,
ensina,
discute,
analisa,
dialoga.

você precisa de
Pais & Filhos
A revista mensal da família moderna

GRAFOLOGIA:
pela letra,
se conhece
a criança

**Minha filha
um homem**
Quando os pais enfrentam este problema

FIGURA 8 – Publicidade. *Pais & Filhos*. Rio de Janeiro, Ano 2, n.8, abr. 1970

5 CONCLUSÃO

A crença de que os comportamentos maternos devem ter por base o conhecimento científico, condiciona e determina a vida de grande parte das mulheres que procura ativamente informações e aconselhamentos acerca da melhor forma de ter, criar e educar seus filhos. A maneira como as mulheres entendem e vivenciam a maternidade é determinada pelo contexto histórico em que estão inseridas e especialmente pelo modelo dominante da maternidade. É possível inferir que os princípios subjacentes a este modelo de maternidade – de que a mãe é a principal responsável pelo seu filho; de que os comportamentos maternos devem ter por base o conhecimento científico, e, de que o principal objetivo da educação da criança é a satisfação das suas necessidades – determinam e condicionam a experiência da maternidade no mundo ocidental.

Dessa maneira, a idéia de que a mãe é a principal responsável pela criação e educação das crianças, devendo assegurar a satisfação de suas necessidades é algo presente na maioria das mulheres, independentemente de classe social, etnia, religião e estatuto perante o trabalho. O cotidiano das mães é dominado pelas questões relacionadas com as crianças, estando a satisfação das necessidades dos filhos no centro de suas preocupações diárias.

A crença na mãe ideal como aquela que tem presença constante junto aos filhos e cuja principal prioridade é a satisfação das necessidades da criança incute nas mães uma sensação de incapacidade de estar permanentemente à altura do modelo ideal de maternidade. A maternidade é vista simultaneamente como fonte de gratificação e culpa, o que leva às mães à procura de informação especializada que as auxilie nesta difícil e complexa tarefa de transformarem seus filhos em adultos saudáveis, equilibrados e socialmente integrados.

6 FONTES E REFERÊNCIAS

6.1 FONTES

Pais & Filhos. Rio de Janeiro: Editora Bloch. Período: Setembro de 1968 à Dezembro de 1980. Total de 148 exemplares que estão localizados na Divisão de periódicos nacionais da Biblioteca Pública do Estado do Paraná na cidade de Curitiba.

6.2 SITES

Pais & Filhos. Disponível em <http://revistapaisefilhos.uol.com.br>.

6.3 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

ASSUNÇÃO, Cristiane Queiroz de Souza. **Belos, sadios e normais: as representações sociais dos corpos infantis modernos na revista Pais & Filhos (1968-1977)**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Dissertação de mestrado.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

BONILHA, Luís R.C.M; RIVORÊDO, Carlos R.S.F. **Puericultura: duas concepções distintas**. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, v. 81, n.1, p.7-13.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

COTT, Nancy F. **A mulher moderna. O estilo Americano dos anos vinte.** In: THEBAUD, Françoise (Org.). **História das mulheres no Ocidente. O século XX.** Vol.5. Porto: Edições Afrontamento, 1999.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando; RUSSO, Jane; VENÂNCIO, Ana Teresa (ORG.). **Psicologização no Brasil: atores e autores.** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2005.

EHRENREICH, Barbara; ENGLISH, Deirdre. **Para seu próprio bem: 150 anos de conselhos de especialistas para mulheres.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2003.

FIGUEIRA, Sérvulo. **Cultura da Psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães.** Rio de Janeiro: Ediouro, 1988.

FOUCAULT, Michel ;MACHADO, Renato (Org.). **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FREIRE, Maria Martha de Luna. **Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920).** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006. Tese de doutorado.

_____. **“Ser mãe é uma ciência:”:** mulheres, médicos e a construção da maternidade científica na década de 1920. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 15, n.1, p.153-171, jun . 2008.

HULBERT, Ann. **Raising America. Experts, parents and a century of advice about children.** New York: Vintage books, 2004.

LIMA, Ana Laura Godinho. **Maternidade higiênica: Natureza e ciência nos manuais de puericultura.** *História: questões e debates*, Curitiba, n.147, p. 95-122, 2007

_____. **Recomendações médicas para a educação da criança-problema: um estudo de manuais de higiene mental, 1939-1947.** *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.317-325, jan-mar. 2013.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **“Vamos criar seu filho:” os médicos puericultores e a pedagogia materna no século XX.** *Historia, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v.15, n.1, p. 135-154, jan-mar. 2008.

MOURA, Solange Maria S. R; ARAÚJO, Maria de Fátima. **A maternidade na História e a História dos cuidados maternos.** *Psicologia, Ciência e Profissão*. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1998.

REIS, José Roberto Franco. **“De pequenino é que se torce o pepino:” a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental.** *Historia, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 7, n.1, p.135-157, mar-jun. 2000.

SANTOS, Renata C. K; RESEGUE, Rosa; PUCCINI, Rosana Florini. **Puericultura e a atenção à saúde da criança: aspectos históricos e desafios.** *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*. São Paulo, v. 22, n. 2, p.160-165, 2012.

SCHULTZ & SCHULTZ. **História da Psicologia Moderna.** São Paulo: Cengage learning, 2009.

SILVA JUNIOR, Nelson Gomes de Sant’ Ana; ANDRADE, Ângela Nobre. **“É melhor pra você!”: normatização social da infância e da família no Brasil.** *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*. Niterói, v. 19, n.2, p.423-438, jul-dez. 2007.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si? Educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos.** Porto Alegre: UFRGS, 2006. Tese de doutorado.

TEIXEIRA, Kerolyn Daiane. **A puericultura nas páginas do jornal em Curitiba, entre a virada do século XX até 1930**. Curitiba: UFPR, 2010. Monografia de conclusão de curso de graduação em História.

TURINA, Keli Fernanda Rucco; Oliveira, Marcus Aurélio Taborda. **Educando a sensibilidade: a puericultura como alicerce da moral e do trabalho na Escola Maternal da Sociedade de Socorro aos Necessitados**. *Revista Diálogo Educacional*. Curitiba, v.11, n. 34, p. 863-884, set-dez.2011.

VILHENA, Carla. **A educação para a maternidade nas revistas de educação familiar no último meio século**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Tese de doutorado.

_____; MOTA, Luís. **É preciso educar as mães: as revistas de educação familiar e a profissionalização da maternidade (1945-1958)**. *Exedra-Esec, Temas e reflexões de História da Educação: perspectivas portuguesas e brasileiras*. Coimbra, p. 70-79, 2013.